

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
MARGARIDA Korpalksi

**PLURALIDADE IDENTITÁRIA EM *NIKETCHE: UMA HISTÓRIA DE POLIGAMIA*,
DE PAULINA CHIZIANE**

SINOP
2022

MARGARIDA KORPALKSI

**PLURALIDADE IDENTITÁRIA EM *NIKETCHE*: *UMA HISTÓRIA DE POLIGAMIA*,
DE PAULINA CHIZIANE**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Mestrado em Letras, Linha de Pesquisa Estudos Literários, da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, Câmpus Universitário de Sinop, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador:

Prof. Dr. Genivaldo Rodrigues Sobrinho

SINOP

2022

K84p Korpalski, Margarida.
Pluralidade Identitária em Niketche: Uma História de Poligamia, de Paulina Chiziane / Margarida Korpalski – Sinop, 2022.
74 f.; 30 cm.

Trabalho de Conclusão de Curso
(Dissertação/Mestrado) – Curso de Pós-graduação Stricto Sensu (Mestrado Acadêmico) Ppgletras, Faculdade de Ciências Humanas e Linguagem, Câmpus de Sinop, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2022.
Orientador: Genivaldo Rodrigues Sobrinho

1. Literatura Moçambicana. 2. Paulina Chiziane. 3. Niketche. 4. Identidade. I. Margarida Korpalski. II. Pluralidade Identitária em Niketche: Uma História de Poligamia, de Paulina Chiziane: .
CDU 821.134.3(679).09

MARGARIDA KORPALSKI

**PLURALIDADE IDENTITÁRIA EM *NIKETCHE*: UMA HISTÓRIA DE POLIGAMIA,
DE PAULINA CHIZIANE**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Mestrado em Letras, Linha de Pesquisa Estudos Literários, da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, Câmpus Universitário de Sinop, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

BANCA EXAMINADORA

Presidente/Orientador

Prof. Dr. Genivaldo Rodrigues Sobrinho
UNEMAT – Câmpus Universitário de Sinop

Examinadora Externa à Instituição

Profa. Dra. Érica Antunes Pereira
USP - Universidade de São Paulo

Examinador Interno

Prof. Dr. Antonio Aparecido Mantovani
UNEMAT – Câmpus Universitário de Sinop

SINOP

2022

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, a Deus, pela dádiva da vida.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Genivaldo Rodrigues Sobrinho, pelo apoio e acolhimento, por toda sua sabedoria, pela energia contagiante e confiança em mim e no meu trabalho.

À minha mãe, Emília, um símbolo de resistência, força, que mesmo sem compreender o significado e a dimensão de toda pesquisa, esteve sempre me apoiando.

A todos os colegas da turma 5 (cinco), que vibraram a cada etapa concluída nessa jornada.

Aos professores do programa, por todos ensinamentos durante os estudos.

Ao avaliador, Prof. Dr. Antonio Aparecido Mantovani por toda sua colaboração e contribuição na realização dessa pesquisa.

À avaliadora, Profa. Dra. Érica Antunes Pereira, por toda colaboração e contribuição na realização dessa pesquisa.

À UNEMAT, por fazer parte da minha história, e possibilitar a mim acesso a uma educação acolhedora e transformadora;

Aos amigos, que sempre estiveram ao meu lado, pela amizade incondicional e pelo apoio demonstrado ao longo de todo o período de tempo em que me dediquei a este trabalho.

(...) O coração do universo
inteiro palpita no ventre de uma
mulher. Toda a mulher é terra,
que se pisa, que se escava,
que se semeia. Que se fere
com pisadas, com pancadas,
com socos e pontapés. Que se
fertiliza. Que se infertiliza. A
mulher é a primeira morada.

Paulina Chiziane

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo analisar os aspectos indicativos da representação e da pluralidade identitária feminina no romance, *Niketche: uma história de poligamia*, de Paulina Chiziane. Para isso, observou-se o percurso representativo de novas identidades na obra pertencente à literatura pós-colonial escrita por mulher, no âmbito de uma sociedade periférica. A narrativa traz representações simbólicas em relação ao papel social feminino na Modernidade Reflexiva. A partir do protagonismo da personagem Rami, estabelece-se a representação de seus pares, nesse espaço ocorre o conflito com a opressão e a subalternidade. Ademais, é característico da literatura pós-colonial, abordar o lugar da mulher na sociedade para desestabilizar os estereótipos históricos, no sentido que promove a reflexão acerca da equidade de gênero e a discussão sobre o silenciamento imposto sobre o grupo das mulheres no geral e principalmente às pertencentes aos povos colonizados, como, por exemplo, às moçambicanas. Para embasamento da análise, foram utilizados os apontamentos de Hall (2003 e 2006) sobre identidade, de Bonnici (2000) e Mata (2014), no que diz respeito à teoria pós-colonial, e os ensinamentos de Zolin (2019), Woolf (1928) e Perrot (1998) em relação à autoria feminina. Essas teorias contribuíram para a inteligência a respeito do papel histórico da linguagem e da literatura utilizados por classes dominantes na afirmação de modelos sociais hegemônicos em oposição à literatura escrita por mulheres na contemporaneidade, cuja contribuição tem sido na representação de identidades plurais, como, por exemplo, em *Niketche*, ao apresentar uma sociedade multicultural e seus diferentes sistemas conjugais.

Palavras-chave: Literatura Moçambicana; Paulina Chiziane; Niketche; Identidade.

ABSTRACT

This study analyzes the indicative aspects of female identity representation and plurality in the novel, *Niketche: uma história de poligamia*, by Paulina Chiziane. For this, the representative path of new identities was observed in the work belonging to the post-colonial literature written by women, within the scope of a peripheral society. The narrative brings symbolic representations in relation to the female social role in Reflective Modernity. From the role of the character Rami, the representation of his peers is established, in this space there is a conflict with oppression and subalternity. In addition, it is characteristic of post-colonial literature to address the place of women in society to destabilize historical stereotypes, in the sense that it promotes reflection on gender equity and discussion about the silencing imposed on the group of women in general and especially those belonging to colonized peoples, such as Mozambicans. To support the analysis, Hall's (2003 and 2006) notes on identity, Bonnici (2000) and Mata (2014) regarding postcolonial theory, and the teachings of Zolin (2019), Woolf (1928) and Perrot (1998) in relation to female authorship. These theories contributed to the understanding about the historical role of language and literature used by dominant classes in the affirmation of hegemonic social models in opposition to the literature written by women in contemporary times, whose contribution has been in the representation of plural identities, such as, for example, in *Niketche*, by presenting a multicultural society and its different marital systems.

Keywords: Mozambican Literature; Paulina Chiziane; Niketche; Identity.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	LITERATURA MOÇAMBICANA E A AUTORIA FEMININA PELA ÓTICA DA TEORIA PÓS-COLONIAL	10
3	A REPRESENTAÇÃO IDENTITÁRIA DA MULHER NA ESCRITA DE CHIZIANE	25
3.1	O feminismo e o percurso para representação de novas identidades.....	33
3.2	Estado da arte sobre a identidade na escrita de Paulina Chiziane.....	38
3.3	O duplo e suas implicações em <i>Niketche</i>	41
4	POLIGAMIA – PRÁTICA CULTURAL NATURALIZADA E A SUBMISSÃO DE GÊNERO NA SOCIEDADE MOÇAMBICANA PÓS-COLONIAL	46
4.1	Niketche: a dança que conduz a narrativa e expõe o contraste cultural entre norte e sul de Moçambique	56
4.2	A representação literária do emudecimento da mulher moçambicana.....	61
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	68
	REFERÊNCIAS.....	69

1 INTRODUÇÃO

As narrativas literárias constituem o processo de afirmação da ‘verdade’ e legitimação do poder na sociedade. Essa afirmação se baseia na análise dos textos narrativos de fatos históricos, bem como na literatura ficcional, que mesmo não tendo compromisso com fatos reais representa a dinâmica social. Comumente são textos produzidos a partir do objetivo de seus autores. Por conseguinte, é possível constatar que alguns sujeitos tiveram suas vozes silenciadas, principalmente, as mulheres, visto que apenas uma minoria ganhou menções na literatura.

Em relação à literatura de Moçambique, é possível constatar que as narrativas literárias foram escritas majoritariamente por autores estranhos às crenças, aos saberes, às tradições culturais e até mesmo às diversas línguas utilizadas pelas diferentes etnias daquele território. Consequentemente, é notória a ausência de relatos das contribuições sociais femininas. Nesse contexto, emerge o questionamento sobre o lugar ocupado pelas mulheres moçambicanas.

As narrativas escritas em língua portuguesa, a partir da visão colonizatória, contribuíram para a limitação do papel social da mulher moçambicana e favoreceram a marginalidade desse sujeito. Atualmente, a teoria dos estudos pós-coloniais tem desconstruído essa história ‘única’, para reconhecer a importância feminina na independência de seus países, na produção do saber e para o mercado de trabalho.

Retomar a história de seus povos originários é algo que se impõe para a literatura moçambicana, essa retomada é crucial para combater o apagamento histórico e, principalmente, romper com o emudecimento das mulheres, um processo legitimado pela política colonizatória e pela inserção da cultura patriarcal.

Com base nessa reflexão, almejamos no presente trabalho tecer uma análise da obra *Niketche: uma história de poligamia*, de autoria da moçambicana Paulina Chiziane. Tal escolha justifica-se pelo enquadramento, na literatura pós-colonial escrita por mulher, voltada para as representações plurais da identidade feminina em narrativas literárias.

Nesse intento, dividimos o estudo em quatro etapas, concebendo a Introdução como primeiro capítulo. O segundo capítulo, intitulado ‘Síntese da literatura moçambicana’, foi construído tendo por base as contribuições do autor Patrick Chabal (1994) acerca do percurso da literatura moçambicana, com a finalidade de situar a publicação de *Niketche*, e, consequentemente, a presença de Paulina Chiziane no

campo literário de Moçambique. Abordamos, ainda, na segunda parte, alguns aspectos relacionados à teoria literária voltada para os estudos pós-coloniais.

Para o terceiro capítulo, 'A construção identitária da mulher na escrita de Chiziane', assinalamos a relevância da autora e de sua escrita para a representação de novas identidades e para a literatura pós-colonial. Na sequência, realizamos a análise do duplo na protagonista Rami. Para esse diálogo, baseamo-nos nos apontamentos de Bhabha (1992), Eco (1989), Rosset (1998) e Varela (2018). Somando-se às contribuições teóricas, o levantamento historiográfico evidenciou o atravessamento das questões de gênero e colonização na construção identitária feminina característica presente na escrita de Chiziane de forma dialógica entre a literatura e a realidade das mulheres moçambicanas.

No quarto capítulo, 'Poligamia – prática cultural naturalizada e a submissão de gênero na sociedade moçambicana pós-colonial', discutimos a respeito das imbricações resultantes do encontro entre a cultura originária, representada na narrativa por meio das tradições culturais da Região Norte de Moçambique e a cultura do colonizador, evidenciada nas crenças sociais limitantes em que está inserida a protagonista da trama, uma mulher da Região Sul. As práticas culturais originárias dos povos africanos com seus rituais e a inculturação do cristianismo são temáticas apresentadas. O resultado na narrativa é uma personagem em crise identitária, assumindo uma postura transgressiva para evidenciar o emudecimento da mulher na sociedade pós-colonial.

Na continuidade, analisamos a poligamia, temática trazida pela narrativa e apresentada por Chiziane de forma particular. Sem criticar ou defender esse costume, a autora nos familiariza com uma prática cultural enraizada na sociedade moçambicana, por outro lado, apresenta-nos a condenação da poligamia pela cultura patriarcal e suas consequências, principalmente, na Região Sul de Moçambique, onde a política de assimilação teve maior êxito.

Em *Niketche*, a protagonista é direcionada para o autoconhecimento a partir do momento em que convive com outras mulheres de regiões distintas de seu país, especialmente da Região Norte, onde a cultura tradicional dos povos originários se manteve predominante, o resultado é a representação de uma sociedade heterogênea e uma mulher que reconfigura sua identidade ao abrir seus horizontes para diferentes relações familiares.

2 LITERATURA MOÇAMBICANA E A AUTORIA FEMININA PELA ÓTICA DA TEORIA PÓS-COLONIAL

Estudar a literatura de Moçambique levanta questionamentos importantes em relação às suas origens e ao seu processo de escrita, conseqüentemente, também em relação ao papel que a literatura tem na “[...] identidade cultural e política no atual estado-nação” (CHABAL, 1994, p. 14), colonizado por Portugal e independente desde 1975.

A literatura é um componente importante da identidade cultural de determinado país. Partindo desse pressuposto, é possível compreender seu papel nas relações estabelecidas em sociedade. Segundo o apontamento de Patrick Chabal (1994, p. 14), “[...] a moderna literatura é melhor entendida historicamente como uma das mais importantes formas de produção cultural através da qual um estado nação pode ser identificado”. Portanto, a partir da literatura as questões sociais e os aspectos culturais são identificados e registrados.

Para o estudioso, não é possível visualizar o vínculo entre literatura e nação quando a tradição cultural surge após o estado-nação. Nesse sentido, cita alguns exemplos:

[...] é o caso de África e da América Latina, onde o estado era anterior à nação. [...] é o estado (colonial) que deu forma aos estados-nação, completamente artificiais, sem raízes naturais, ou mesmo sem antecedentes (CHABAL, 1994, p. 16).

Portanto, a literatura surgida em nações colonizadas carrega um pouco da marca do colonizador, não sendo possível, estabelecer a relação genuína entre a literatura e povos originários. Tal fator, segundo Chabal (1994, p. 16), é reforçado pelo “[...] facto de as culturas africanas serem orais e o desenvolvimento da literatura africana só ganhar forma através do uso da língua colonial europeia”. Além disso, Moçambique, assim como a maioria dos países africanos ex-colônias, tem como língua oficial a língua do colonizador.

De acordo com Noa (2018, p. 36), “[...] desde o século XVIII circulavam na então colônia de Moçambique textos alicerçados não só em padrões estéticos predominantemente europeus, mas também escritos por autores de origem portuguesa [...]”, ou seja, as produções literárias daquele momento eram pouco

significativas em relação à originalidade da cultura e do imaginário moçambicano.

Em decorrência dos registros literários ocorrerem em outra língua, que não a nativa, como é o caso da literatura produzida em Moçambique, surgiu a literatura africana de escrita em Língua Portuguesa, além disso, “[...] as línguas europeias se tornaram parte das culturas africanas e continuarão a florescer enquanto línguas de literatura – mesmo se entretanto, apareçam muitas outras literaturas em línguas africanas” (CHABAL, 1994, p. 18).

Entre as principais causas da ausência de registros literários em línguas africanas reside o analfabetismo, pois era uma característica predominante na maioria das colônias portuguesas, no momento de suas independências, e em Moçambique era “[...] substancialmente maior do que nas outras colônias africanas. Como consequência, as oportunidades para os africanos de escreverem em português foram severamente limitadas [...]” (CHABAL, 1994, p. 19).

A cultura predominantemente oral, o analfabetismo e o processo de colonização, impondo a cultura europeia como superior, foram fatores que afetaram a evolução de uma literatura escrita em línguas originárias em Moçambique. Uma alternativa aos autores foi “[...] sedimentar a cultura africanana na literatura escrita numa língua europeia” (CHABAL, 1994, p. 21-22). Nesse ponto, temos a importante característica alternativa, de conciliar a tradição da cultura oral com a literatura escrita em Língua Portuguesa, como é o caso de Paulina Chiziane.

As adversidades da colonização e da guerra civil vivenciadas em Moçambique limitaram as atividades literárias ao espaço urbano, de modo que não é possível saber como teria se desenvolvido a literatura moçambicana num país em paz. Conforme nos relata Chabal (1994, p. 59),

Moçambique tal como Angola, experimentou uma quase contínua guerra civil desde 1975 e como resultado o país esteve fraturado mesmo antes de se conseguir materializar como estado-nação. Isto teve a mais profunda influência na evolução (ou falta de evolução) da sua cultura e nas direções tomadas pela literatura.

No percurso evolutivo da literatura africana, é possível apontar algumas etapas. De acordo com Chabal (1994, p. 24), “[...] são quatro as fases que caracterizam a evolução da literatura africana: assimilação, resistência, afirmação e consolidação”. A primeira, segundo o autor, teria ocorrido durante o período colonial, na qual os autores teriam escrito como europeus, na segunda, a resistência teria andado de mãos dadas

com o nacionalismo e a luta pela independência sem deixar de lado o resgate da cultura africana e na terceira fase, da afirmação, estaria o escritor determinado a definir sua posição nas sociedades pós-coloniais e, por último, na fase da consolidação, os escritores teriam voltado suas preocupações para o efetivo desenvolvimento da literatura de seu país.

Para analisar a gênese da literatura moçambicana, Chabal (1994, p. 40) apresenta uma divisão dos escritores em quatro grupos: “[...] cultura mestiça, [...] literatura europeia, [...] literatura nacionalista ou revolucionária e a [...] literatura da moçambicanidade”. Dentre as produções literárias, destacam-se, principalmente, a poesia individual e a ficção popular ou histórica.

A divisão, de acordo com o estudioso, não tem a finalidade de simplificar um processo tão complexo como a literatura moçambicana, mas sim, ressaltar a contribuição de vários grupos para a formação da literatura atual no país. A cultura mestiça era formada por “[...] profissionais (doutores, advogados, empregados civis, jornalistas, etc) que desde a metade do século XIX estavam interessados em dar voz à população indígena” (CHABAL, 1994, p. 40). Dessa forma, por mais que a comunidade mestiça considerasse os africanos inferiores culturalmente sua “[...] preocupação em dar voz à sociedade indígena levou-os a tomar em consideração os interesses dos africanos” (CHABAL, 1994, p. 40).

Entre as mais expressivas contribuições da cultura mestiça, Chabal (1994, p. 41) destaca “[...] o trabalho de edição como crucial para a expressão da cultura moçambicana”. Um exemplo disso foi o jornal *O Africano*, publicado em português e em ronga. Este que, mais tarde foi vendido e ganhou o nome de *O Brado Africano*, no qual “[...] muitos dos atuais escritores moçambicanos publicaram pela primeira vez [...]” (CHABAL, 1994, p. 41). Em síntese, a produção literária a partir da década de 1940 em diante é considerada cultura mestiça. Foi esse contexto que fez surgir a geração seguinte da qual fizeram parte os escritores José Craveirinha e Noémia de Sousa.

Por sua vez, a nomeada literatura europeia, ou aquela, “[...] escrita pelos brancos que viviam em Moçambique, como, por exemplo, “Nuno Bermudes, Eduardo Paixão, Vieira Simões e Guilherme de Melo [...]” (CHABAL, 1996, p. 33), “[...] cujo trabalho, retrospectivamente, se mostra relevante para o que é hoje a literatura moçambicana” (CHABAL, 1994, p. 44). É caracterizada pelo autor, como “expansiva e criativa”, e desenvolveu-se, principalmente, nas duas décadas anteriores à

independência moçambicana.

Dentre as classificações estabelecidas por Chabal (1994), temos, ainda, a literatura nacionalista e revolucionária, na qual alguns escritores conseguiram unir com sucesso a literatura e a política. Nesse sentido, “[...] Por razões óbvias esses escritores eram normalmente membros ativos da FRELIMO¹ – muita dessa literatura era produzida fora da colônia” (CHABAL, 1994, p. 50).

Os textos produzidos por esse grupo, em sua maioria, eram poesias, “[...] pois era em grande parte o *medium* capaz de ilidir a censura” (CHABAL, 1994, p. 64). Dentre os principais autores destacam-se Noémia de Sousa, José Craveirinha, Duarte Galvão, Kalungano, Orlando Mendes, Ruy Guerra, Rui Knopfli, dentre outros. “Estes escritores usam a literatura para apresentar pontos de vista nacionalistas/revolucionários com propósitos implícitos ou explícitos de proclamar uma mensagem política e mobilizar apoios para a causa” (CHABAL, 1994, p. 50). No intuito de contribuir para as questões sociais e econômicas, a literatura nacionalista e revolucionária se caracteriza por:

[...] textos que se centram especificamente na degradação e opressão originada pelo papel colonial ou pelo atraso histórico. Ao mesmo tempo, transmite a visão de um futuro melhor sob condições políticas diferentes (CHABAL, 1994, p. 50).

A união entre política e literatura “[...] desempenha um papel positivo ao denunciar os problemas sociais e políticos, torna-se menos positiva ao promover pontos de vista ideológicos estabelecidos” (CHABAL, 1994, p. 51). O último aspecto é visto como negativo pelo autor por ter a literatura um caráter muito mais importante e abrangente, não devendo ser reducionista no sentido de atender interesses de determinados grupos.

Por último, porém não menos importante, o teórico aborda a literatura da moçambicanidade. Segundo Chabal (1994, p. 24), enquandram-se “[...] os escritores que tinham consciência de estar a produzir uma literatura nacional, ou seja, uma literatura específica de Moçambique”. Esses são autores da literatura da moçambicanidade, entre os quais é indispensável citar o trabalho de José Craveirinha.

¹ A Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO) é um partido político oficialmente fundado em 25 de Junho de 1962, com o objectivo de lutar pela independência de Moçambique do domínio colonial português. Disponível em: Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO) | Moçambique | DW | Acesso em: 23.12.2021.

Para Chabal (1994, p. 54), “é possível considerar a poesia de José Craveirinha como uma ilustração da evolução da moçambicanidade”. Essa constatação é baseada em vários aspectos da produção literária do poeta, desde o surgimento da literatura moçambicana na década de 1940 até a atualidade. “As preocupações sociais de Craveirinha, sobre os aspectos sociais da vida vulgar, são manifestas. Muita de sua poesia é um comentário sobre a vida urbana a partir dos anos 40 até agora” (CHABAL, 1994, p. 56).

Em seus poemas, Craveirinha “tentou transformar a aparente inferioridade cultural, dos povos colonizados e subjugados, numa cultura resgatada de criatividade, força e esperança” (CHABAL, 1994, p. 56). Ou seja, é possível ter uma perspectiva muito fiel sobre a sociedade colonial e pós-colonial moçambicana a partir da obra de José Craveirinha.

Segundo Noa (2018, p. 36), foi somente no início do século XX que, emergem “as primeiras elites letradas de origem africana responsáveis por textos que se instituirão como os verdadeiros precursores da literatura moçambicana”. Esse surgimento foi certamente impulsionado pela instalação e afirmação da imprensa no século XIX, cujo papel foi extremamente relevante na divulgação literária e na representação dos anseios sociais que antecederam a independência do país. Essa elite tinha entre os principais objetivos contestar as políticas coloniais, e se autoafirmar como movimento de libertação, um passo importante, nesse sentido, foi a criação da Casa dos Estudantes do Império (CEI), um local de reunião para os representantes da literatura de vertente contestatória. Secco (2002, p. 95) aponta que

[...] quando, reunidos na Casa dos Estudantes do Império de Lisboa, estudantes africanos – entre eles Agostinho Neto, Amílcar Cabral, Eduardo Mondlane, Mário Pinto de Andrade, Francisco José Tenreiro, António Jacinto – iniciaram, sob os ecos da negritude francesa, do negrismo afro-americano e sob o signo do anticolonialismo, um movimento político-literário de valorização das literaturas de seus países.

A defesa da africanidade no campo da literatura e o espelhamento em conteúdos sociais de outras literaturas, como, por exemplo, o Modernismo brasileiro, inspiraram a fundação do nacionalismo na literatura moçambicana. Dentre os gêneros, destacam-se a poesia individualista, já abordada aqui, e a ficção popular, esta última com menos produções narrativas, pois, de acordo com Chabal (1994, p.

65), “A prosa, como puderam experimentar vários escritores moçambicanos e angolanos, era um instrumento muito mais perigoso para ser usado no contexto da repressão política”. Sendo que, Luís Bernardo Honwana, o único autor a publicar um livro de prosa (*Nós matámos o cão tinhoso* – 1964) antes da independência, acabou preso acusado de ser membro da FRELIMO.

Ademais, “[...] não havia no Moçambique colonial tradição de prosa africana, quer em português quer nas línguas africanas” (CHABAL, 1994, p. 65). Contexto explicado pelo quadro educacional na época em que eram pouquíssimos os africanos letrados, como consequência, “a cultura africana em Moçambique permaneceu oral e nunca houve uma ligação satisfatória entre essa literatura oral e a cultura escrita em português” (CHABAL, 1994, p. 65).

Atualmente, conforme Chabal (1994, p. 66), “um significativo número de escritores começou a escrever ficção: contos, pequenas histórias, novelas e mesmo romance. [...] mencione-se [...] Paulina Chiziane”. Para Chabal (1994, p. 67), o romance *Balada de amor ao vento* (1990) publicado por ela “[...] é virtualmente o primeiro romance moçambicano [...] escrito por uma mulher africana”.

Na obra em tela, ficam evidentes as marcas da escrita de Chiziane, característica mantida em suas obras posteriores, como, por exemplo: “[...] Crítica explícita ou implicitamente as realidades das relações humanas (e sexuais) assim como a ordem social que emergiu em Moçambique desde a independência” (CHABAL, 1994, p. 67). São aspectos que caracterizam como inovadora a produção da escritora.

A contribuição literária de Paulina Chiziane na contemporaneidade coaduna com o propósito da presente pesquisa em fomentar a reflexão sobre os saberes já postos no âmbito acadêmico e compreender como eles se estabeleceram como ciência, acima de tudo o mais importante e essencial é refletir acerca do espaço literário relegado aos textos culturais africanos e sobre “[...] as experiências culturais dos subalternos² – dos povos colonizados [...]” (MATA, 2014, p. 29).

A academia, por meio do discurso hegemônico predominante, e a literatura canônica eurocêntrica atribuem um estereótipo aos textos culturais africanos e “[...] as suas construções culturais são relegadas a um secundário lugar rotulado como “saber local”, que a tradição filosófica ocidental não considera relevante” (MATA, 2014, p.

² Subalterno: literalmente significando ‘sujeito de categoria inferior’, o termo foi criado por Gramsci; trata-se de qualquer sujeito sob a hegemonia das classes dominantes (BONNICI, 2019, p. 261).

29). Essa premissa possibilita questionar as verdades universais firmadas pelo eurocentrismo que tem a característica de universalizar o modelo ocidental, cuja estrutura é ratificada pelas atuais relações de poder.

As elites letradas em Moçambique pós-independência eram compostas por assimilados³, esse restrito grupo ficou marcado pela posição intervencionista por meio do jornalismo Noa (2018). Ao somar força com a associação questionaram “[...] as arbitrariedades e injustiças geradas pela colonização, ao mesmo tempo que defendiam direitos de cidadania para a maioria negra marginalizada, vilipendiada e analfabeta” (NOA, 2018, p. 36). Nesse sentido, é possível concluir que havia uma inquietação identitária se manifestando na literatura moçambicana pós-colonial, mesmo que de forma tímida devido ao contexto, já que os assimilados foram pessoas que concordaram com a educação do colonizador.

Alguns episódios contribuíram para a renovação da literatura moçambicana, entre eles é possível apontar “[...] a criação da Associação de Escritores Moçambicanos (AEMO), em 1982 [...]” (NOA, 2018, p. 36), da qual faziam parte vários autores que ganharam notoriedade nas décadas de 1980 e 1990, dentre eles, Paulina Chiziane.

Pelo viés proposto no presente estudo, ao analisar a obra *Niketche: uma história de poligamia*, é necessário “[...] compreender a genealogia do pensamento subjacente à (atual) hegemonia etnocultural, que mergulha as suas raízes num passado recente pouco discutido” (MATA, 2014, p. 29), tomando por base os estudos culturais e mais propriamente a categoria dos estudos pós-coloniais.

Além disso, é importante ressaltar que, cabe aos Estudos Literários investigar a representatividade da literatura e a definição de literatura, mesmo que alguns teóricos considerem todas as definições parciais. Por outro lado, para análise do texto literário, é necessário ao pesquisador buscar uma base teórica para orientar seus estudos. Conforme aponta Culler (1999, p. 12), a “[...] teoria, nos estudos literários, não é uma explicação sobre a natureza da literatura ou sobre os métodos para o seu estudo [...]. É um conjunto de reflexão e escrita”. Com efeito, o presente estudo se orientará com base na teoria pós-colonial da literatura.

Por conseguinte, fazem parte do fenômeno literário a teatralidade e a imaginação, dito em outras palavras, “[...] tudo o que é percebido pelos sentidos e/ou

³ Negros e mestiços cuja cidadania era condicionada por mecanismos aculturativos formulados numa lei de exceção, a Portaria do Assimilado, saída em janeiro de 1917 (ROCHA, 1996).

pela mente” (PINTO, 2009, p. 14). Apesar de ser uma representação e não ter compromisso com o real, as obras literárias tratam de histórias nas quais o leitor pode identificar-se, caracterizando, dessa forma, o aspecto representativo da literatura. Bonnici (2019, p. 31) explora esse aspecto ao afirmar que: “[...] enquanto essas discussões proporcionam formas ‘estranhas’ de se ver o mundo e possibilidades de transformá-lo, interessam a todos. Assim, as histórias lidas ajudam a produzir novas histórias, únicas para aquele leitor”.

Para Bonnici (2019, p. 253), “A teoria e a crítica pós-colonialistas, constituindo uma nova estética pela qual os textos são interpretados ‘politicamente’, baseiam-se na íntima relação entre o discurso e o poder”. Se por um lado o poder se impõe, gerando um discurso de legitimidade do qual deriva a subjetividade dos sujeitos, por outro, a literatura pode se apresentar como meio de subversão e de desafio ao discurso dominante.

As obras literárias de autoria feminina têm trazido uma nova representação simbólica, em relação ao papel social das mulheres, na medida em que, recorrentemente descrevem personagens como protagonistas de suas vidas. Esse processo cria espaço para que sejam ouvidas.

Além disso, a literatura pós-colonial aborda a problemática do papel social da mulher no sentido de romper com os estereótipos históricos, de modo que, refletindo sobre subordinação de gênero contribui para o debate, trazendo à tona o processo duplo de emutecimento⁴ pelo qual a mulher colonizada passa. Primeiro não tem voz porque é colonizada e, segundo porque é mulher.

Ademais, ao negar a importância da mulher, o sistema patriarcal fez com que elas não se vissem representadas, pois a representação literária de autoria masculina, em sua maioria, destinou papéis secundários, de coadjuvantes às mulheres.

Para concretizar a possibilidade de análise de uma literatura africana de língua portuguesa, conforme se pretende no estudo em tela, são necessárias considerações acerca dos pilares que a sustentam, como, por exemplo, o conceito de ideologia.

Desse modo, tomam-se as contribuições de Fredric Jameson (1992). Para ele, a ideologia seria uma “[...] estrutura de representações que permite ao sujeito individual conceber ou imaginar sua relação vivida com realidades transpessoais, tais como a estrutura social, ou a lógica coletiva da História” (JAMESON, 1992, p. 27).

⁴ Conceito trabalhado por (SPIVAK, 2014, p. 17).

Essa abordagem permeia a formação identitária, sendo-lhe inerente as questões relacionadas às crenças, aos valores morais, éticos e por consequência de condutas socialmente aceitas por uma determinada sociedade. Desse modo, “[...] é um sistema que condiciona a relação de uma comunidade com o mundo e de que se serve o homem para justificar e interpretar a sua situação e a sua ação na História” (MATA, 2014, p. 30).

Ainda no sentido de analisar a escrita feminina na pós-modernidade reflexiva, é imperioso tomar o conceito de literatura pós-colonial o qual é, segundo Bonnici (2012, p. 19), “[...] toda a produção literária dos povos colonizados pelas potências europeias entre o século 15 e o 21”. Com efeito, a literatura produzida em todos os atuais países que foram colônias europeias enquadra-se na literatura pós-colonial.

Isso significa basicamente que a crítica pós-colonial investiga e questiona o contexto político e cultural pós-colonização, e partir desse pressuposto significa “[...] a criação de um contexto favorável aos marginalizados e oprimidos para a recuperação da sua história, sua voz” (BONNICI, 2012, p. 20). Baseado nessa teoria, é razoável questionar as ‘verdades’ propostas por determinada classe hegemônica.

Quanto ao conceito de hegemonia, Bonnici (2019, p. 255) assegura que “[...] é a dominação consentida, ou seja, é o método pelo qual os dominadores conseguem oprimir os subalternos por meio da aprovação aparente dessas mesmas classes sociais, especialmente pela cultura”. Colonizadores europeus conquistaram territórios, sob a afirmação de um discurso que era uma civilização superior e progressista em detrimento de povos nativos representados como rudes e bárbaros.

Analisar “o pós-colonial como ideologia – é desvelar, afinal, trópicos do discurso epistemológico cujos paradigmas são marcadamente eurocêtricos” (MATA, 2014, p. 30). As relações de poder se impõem de tal maneira que por vezes não representam a verdade. Conforme Bonnici (2019, p. 253), “Gerações de europeus se convenciam de sua superioridade cultural e intelectual diante da ‘nudez’ dos ameríndios; gerações de homens, praticamente de qualquer origem, tomavam como fato indiscutível a inferioridade das mulheres”. A partir de tais apontamentos, é possível concluir que o estigma da inferioridade sobre os sujeitos marginalizados teve notório efeito negativo, principalmente, sobre as mulheres.

A voz do colonizado foi silenciada pelo discurso hegemônico do colonizador, que estabeleceu uma relação sujeito e objeto. De acordo com Bonnici (2019, p. 260), “É a dialética do sujeito (agente) e do objeto (‘o outro’, subalterno). Por isso, todo o

registro etnográfico de populações colonizadas diz mais sobre quem registrou do que propriamente sobre a população nativa”.

Para Inocência Mata (2014, p. 30), “[...] os destinadores das teorias pós-coloniais pretendem que elas funcionem, também, como instrumento de análise de relações de hegemonia e desvelamento da colonialidade do saber”. Torna-se premente ressaltar que o interesse dos estudos pós-coloniais está voltado para a história das “[...] classes subalternas [...] grupos aos quais o acesso ao poder é vedado. [...] história necessariamente fragmentária, já que sempre está submetida à hegemonia da classe dominante, sujeito da história oficial” (BONNICI, 2019, p. 260-261). A imagem construída pela literatura eurocêntrica representa os subalternos como objeto, ou seja, aquele que não tem voz, que não pensa livremente, geralmente descrito como bestial.

Caracterizar o colonizado como ser inferior facilitava e tornava aceitável a colonização. Fanon (1990) e Ngugi (1986) apud Bonnici (2019, p. 261) “Admitem que o colonizado pode ser reescrito na história, embora esse tipo de decolonização sempre seja um fenômeno violento”. Portanto, a reflexão sobre a construção de novas epistemologias perpassa pela resistência diante de um discurso conformista e hierarquizante como o eurocêntrico.

Para Bonnici (2019, p. 261), “A colonização e o discurso colonialista eram também impregnados pelo patriarcalismo e pela exclusividade sexista. O termo ‘homem’ e seus derivados incluíam o homem e a mulher; o mesmo privilégio não era dado ao termo ‘mulher’”. Por sua vez, o feminismo surgido no século XIX, enquanto movimento social, procurou se apropriar da linguagem com o objetivo de integrar a mulher à sociedade, configurando-se como uma estratégia de ‘descolonização feminina’. Segundo Rossini (2014, p. 03), “[...] as mulheres foram consideradas como inferiores aos indivíduos do sexo masculino, não só na esfera cultural, mas também na social, histórica e política. Um estado de coisas gerado pela política do patriarcalismo”. A realidade é que, em países como Moçambique a colonização teve dupla função para as mulheres. Elas passaram ao mesmo tempo, por um processo de marginalização e de silenciamento. Machel (2001, p. 34) assevera que:

A situação de mulheres sendo seres exploradas e oprimidas não é um fenômeno limitado a Moçambique. Na maioria dos países e em todos os continentes mulheres são, em diferentes níveis, privadas de seus mais fundamentais direitos, impedidas de participar da vida política,

confinadas a tarefas de procriação e cuidado doméstico, e submetidas a autoridade tirânica. Porém, é em países como o nosso, onde conceitos tradicionais sobre a submissão de mulheres e conceitos colonialistas têm sido combinados ou justapostos, que essa opressão e exploração assumem as formas mais extremas.

Quando a mulher não tem a seu lado a figura masculina, seja do pai ou do marido, não lhe é oportunizada a individualidade. A sociedade não as reconhece singularmente, naturalizou-se a conduta de subserviência e a identidade de esposa, de mãe ou de filha. Ela está sempre condicionada a um vínculo para ter seu lugar na social. Spivak (2010, p. 67) lembra que:

É mais uma questão de que, apesar de ambos serem objetos da historiografia colonialista e sujeitos da insurgência, a construção ideológica de gênero mantém a dominação masculina. Se, no contexto da produção colonial, o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade.

Para Spivak (2010), a crítica pós-colonial criou um novo caminho para pensar e questionar as construções históricas e culturais com ênfase nas construções discursivas que moldaram o pensamento ocidental.

Nesse sentido, a teórica indiana aduz ser necessário ao intelectual pós-colonial adotar uma postura desestabilizadora frente aos discursos e produções textuais. Para tanto, sublinha três aspectos que merecem atenção, sendo que em primeiro lugar cabe ao intelectual a tarefa de oferecer um lugar, uma posição em que o subalterno possa falar, essa responsabilidade se completa com o aprendizado da escuta qualificada.

Finalmente, a teórica se dirige às mulheres intelectuais, imputando a elas a tarefa de criar espaços e condições de autorrepresentação. Paulina Chiziane representa a voz de seus pares na sociedade moçambicana. Nesse ponto, esclarece sobre as suas motivações para a escrita:

Olhei para mim e para outras mulheres. Percorri a trajetória do nosso ser, procurando o erro da nossa existência. Não encontrei nenhum. Reencontrei na escrita o preenchimento do vazio e incompreensão que se erguia à minha volta. A condição social da mulher inspirou-me e tornou-se o meu tema (CHIZIANE, 1994, p. 16).

A autora se posiciona e encoraja outras mulheres que o façam também,

concretizando, dessa maneira, a autorrepresentação do sujeito subalterno, a partir da posição de resistência e insubordinação. A escrita é uma ferramenta de se fazer pensar e refletir acerca da situação da mulher colonizada e suas questões. Chiziane (2013, p. 200-201) prossegue, ao afirmar que:

Nós, mulheres, somos oprimidas pela condição humana do nosso sexo, pelo meio social, pelas ideias fatalistas que regem as áreas mais conservadoras da sociedade. [...] Pretendo revelar um pouco desta experiência sem falsidade nem superficialização, para quebrar o silêncio, para comunicar-me, para apelar à solidariedade e encorajamento das outras mulheres ou homens que acreditam que se pode construir um mundo melhor.

A escrita de Chiziane é aquela que promove “[...] um corte com a predominância dos cenários a que estamos habituados [...] nos quais a ordem social, familiar e mental se encontram organizadas” (ROSÁRIO, 2010, p. 144). Isso porque, essa organização geralmente tem como base a visão masculina de mundo.

Em *Niketche*, Paulina se consolida como escritora além de consolidar a trajetória de suas personagens (ROSÁRIO, 2010). Na narrativa, ocorre a apresentação de múltiplas culturas, permitindo por alegoria conhecer as diferenças e dar voz a grupos marginalizados como é o caso das mulheres.

Essa literatura tem se constituído uma forma de resistência, ao expor o universo feminino entremeado por valores tradicionais e culturais em oposição às questões da contemporaneidade, além disso, mostra uma representação pelo olhar autoral da mulher “[...] esta visão do mundo em que se interroga a distorção da ordem das coisas substanciada em justificações de natureza histórica e cultural é natural ao feminino” (ROSÁRIO, 2010, p. 144-145).

Uma viagem é proporcionada pela narrativa, cujos caminhos partem da realidade para a ficção, principalmente, ao abordar a assimilação, a guerra civil e a poligamia, temáticas que despertam debates sobre questões como a equidade de gênero. Para Rosário (2010, p. 144-145), há três possíveis visões sobre *Niketche*:

1. Trata-se de um debate/crítica sobre a poligamia.
2. É a história de uma mulher casada num contexto cultural polígamo, polvilhado de interferências culturais exógenas.
3. É o problema de um homem culturalmente polígamo, inserido numa sociedade urbana com rescaldos do mundo rural.

É necessário discordar, em parte, do estudioso citado, uma vez que todas essas possíveis visões levam a um contexto maior. Mais do que falar sobre a poligamia e suas consequências, Chiziane apresenta questões relevantes para o ser humano, sua narrativa pós-colonial possibilita a reflexão filosófica de como é ser mulher na sociedade moçambicana, e vai além, ao naturalizar diferentes formas de amor. Conforme afirma a própria autora.

Coloquei no papel as aspirações da mulher no campo afetivo para que o mundo as veja, as conheça e reflita sobre elas. Se as próprias mulheres não gritam quando algo lhes dá amargura da forma como pensam e sentem, ninguém o fará da forma como elas desejam (CHIZIANE, 1994, p. 16).

Paulina Chiziane promove o resgate da mulher, cuja força deriva de sua ancestralidade. Escrever para a mulher moçambicana pode se difundir como libertação das práticas tradicionais ultrapassadas e denunciar conflitos de gênero, cujas consequências precisam ser analisadas e compreendidas.

A respeito da escrita literária e a importância da literatura para a humanização da sociedade, Candido (1995, p. 243) pontua que:

[...] nas nossas sociedades a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. [...] A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apóia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. Por isso é indispensável tanto a literatura sancionada quanto a literatura proscrita; a que os poderes sugerem e a que nasce dos movimentos de negação do estado de coisas predominante.

A narrativa de Chiziane trata do ser humano e seu bem estar, como cada um tem a liberdade de viver e produzir amor. Rami, heroína por excelência, está sempre ansiando por uma alteração no *status quo*, resguardando a reflexão pelo fluxo de consciência constante, porém sempre é impulsionada à ação. Para o autor moçambicano Lourenço do Rosário (2010), a literatura é reflexo e se faz refletir no contexto em que está inserida, funcionando como um exercício, um ensaio daquilo que as sociedades desejam se tornar ou das ações que podem ou não ser tomadas. Assim, Rosário (2010, p. 126) esclarece que,

Poética e profeticamente, a literatura permite-se reconstituir

paradigmas, sugerindo alternativas, metaforizando realidades, simbolizando ícones, exorcizando fobias, recriando sempre o mundo vivido ou sonhado, numa dinâmica que pode considerar-se própria de uma missão, principalmente em sociedades ditas emergentes e, como no nosso caso, de formação colonial.

Niketche trata de conflitos da sociedade moçambicana, coaduna com a inovação de abordar assuntos sensíveis pela autoria e olhar da mulher escritora. Neste ponto, diferencia-se das representações literárias históricas conduzidas pelos grupos detentores do poder e escritas por autores homens sem propriedade para expor o ponto de vista feminino, pelo contrário, somente reforçam imposições aos grupos ‘dominados’.

Rami é uma personagem dinâmica, em constante mudança, entre o segurar e o deixar partir. No início da narrativa, ouve o conselho de sua mãe: “Segura esse marido com as duas mãos. Um homem segura-se, minha filha” (CHIZIANE, 1994, p. 16). Porém, próximo ao desfecho, a decisão da protagonista é deixar ir o marido polígamo, a quem reconhece, em nenhum momento foi unicamente seu.

A característica de representar uma protagonista em constante mudança, de atos e pensamentos, condiz com o ato de dar visibilidade ao outro e às diversidades. A partir de suas narrativas, a autora se insere na tradição literária de autoria feminina de sociedades periféricas, a obra *Niketche* também está alinhada à literatura da modernidade reflexiva, empenhada em romper com o discurso colonial nas representações. É nessa mesma perspectiva a reivindicação da crítica pós-colonial.

No debate sobre a autoria feminina, o pós-colonialismo deu visibilidade a pontos que não foram levantados pelo feminismo, tendo ocorrido também a situação inversa. Se num primeiro momento o objetivo de ambas as vertentes era substituir as estruturas de dominação, o passo seguinte foi a evolução “[...] para um questionamento sobre as formas literárias e o desmascaramento dos fundamentos masculinos do cânone” (BONNICI, 2019, p. 262).

A construção narrativa de Chiziane carrega elementos indicativos de ocidentalização da protagonista Rami, a moral cristã, é um exemplo marcante na conduta da personagem, visto que, em algumas situações, há um auto-julgamento, um desses momentos ocorre em uma festa. Após tomar várias taças de vinho, Rami se permite uma noite de amor com o amante de Luíza, Vito, esse fato posteriormente a faz sentir vergonha, enquanto sua rival vê com naturalidade emprestar o homem à amiga. É notório o atravessamento dos costumes do sujeito-colonizador sobre o

objeto-mulher-colonizada por meio da adoção identitária de traços da cultura dominante.

3 A REPRESENTAÇÃO IDENTITÁRIA DA MULHER NA ESCRITA DE CHIZIANE

Nascida em Manjacaze, na província de Gaza, filha de pai operário e mãe camponesa, Paulina Chiziane passou a viver com a família em Lourenço Marques atual Maputo, desde os seis anos de idade. Em sua obra *Eu mulher... Por uma nova visão de mundo* (2013), a autora relata a percepção dos ensinamentos tradicionais familiares e a educação formal recebida na escola:

Aos seis anos de idade, abandonei o campo com meus pais e fomos viver no subúrbio da cidade. Entrei na escola católica. Apesar das grandes diferenças na educação da casa e da escola, encontrei harmonia na matéria que dizia respeito ao lugar da mulher na vida e no mundo. A educação tradicional ensina a mulher a guardar a casa e a guardar-se para pertencer a um só homem. A escola também ensinava a obediência e a submissão e preparava as raparigas para serem boas donas de casa, de acordo com o princípio cristão (CHIZIANE, 2013, p. 9-10).

Em entrevista ao escritor Patrick Chabal, a autora revelou sua experiência com a política de assimilação ainda criança, quando estudou em uma escola católica num bairro de assimilados, embora morasse em outro bairro, de não-assimilados na zona suburbana: “os meus pais não eram assimilados. O meu pai nunca gostou da assimilação. Foi preso, fez trabalho forçado por qualquer razão...” (CHABAL, 1994, p. 292). O notório inconformismo do pai com a proposta da assimilação provavelmente despertou na escritora o olhar crítico com que percebe a colonização e a dominação cultural. Nessa mesma entrevista, Chiziane abordou as resistências tomadas no seio familiar:

Eu penso que é a partir daí (do trabalho forçado) que o meu pai se tornou alguém que sempre resistiu ao regime colonial, ao sistema de assimilação portuguesa, de integração cultural. E uma das formas de resistência por exemplo foi a língua. A nossa Língua é chope. Mas aqui em Lourenço Marques-Maputo a língua que se fala é ronga, e na escola ensinavam-nos português (CHABAL, 1994, p. 292).

O transitar por diferentes realidades possibilitou à escritora a experiência do convívio com as línguas chope, ronga e portuguesa, enquanto ainda era criança, além disso, vivenciou as diferentes culturas. Em meio à cultura introduzida pelo colonizador, a qual a família de Chiziane via com reservas por causa das

experiências vivenciadas, até a cultura nativa, valorizada por seu pai. Ambas propiciaram o aprofundamento cultural e, como consequência, a autora aprendeu a importância de suas raízes.

O meu pai é muito exigente em termos de preservação da cultura. [...] em nossa casa além de não se falar português, tudo o que dizia respeito aos valores coloniais era rejeitado. Se nos mandou para a escola era porque sentia que era necessário fazer isso, mas se houvesse possibilidade de aprender numa escola que não fosse dos valores coloniais teríamos estudado lá. Mas naturalmente que não havia (CHABAL, 1994, p. 293).

Em sua trajetória escolar, Chiziane se recorda de um acontecimento marcante relacionado à aptidão com a escrita desde pequena. “Quando tinha nove anos estava na escola missionária [...] todos fizemos a redação, [...] a minha redação foi lida [...] e ganhei um prêmio, porque escrevi uma coisa que emocionava” (CHABAL, 1994, p. 296). A autora explica que, sua raiz cultural é “[...] puramente africana, embora com muitas influências da cultura que dominou. [...] A minha vó mãe de minha mãe cujos irmãos desapareceram⁵, era uma contadora de histórias muito célebre” (CHABAL, 1994, p. 297). Na etnia tsonga, o nascimento de uma menina é motivo de comemoração, uma que com ela nasce mais uma força de trabalho e a recompensa financeira, com o gado ou próprio dinheiro recebidos pela família quando ela se casa. Essa predestinação é criticada por Chiziane, ao falar sobre a falta de horizontes para as meninas de sua etnia, evidencia que,

Na infância a rapariga brinca à mamã ou a cozinheira, imitando as tarefas da mãe. São momentos muito felizes, os mais felizes da vida da mulher tsonga. Mal vê a primeira menstruação é entregue a marido por vezes velho, polígamo e desdentado. À mulher não são permitidos sonhos nem desejos. A única carreira que lhe é destinada é casar e ter filhos (CHIZIANE, 2013, p. 8).

Os rituais familiares de transmissão das histórias orais na família da escritora certamente influenciam em sua escrita atual: “fazíamos uma fogueira e ficávamos a assar o milho verde, comíamos e ficávamos a contar histórias. [...] os meus filhos e os filhos das minhas irmãs ainda hoje continuam nesse processo de tradição oral”

⁵ Relato da autora: “A minha vó mãe da minha mãe, tinha seis irmãos e uma irmã. Um dia à noite apareceram brancos, levaram os seis irmãos, e até hoje ninguém sabe se morreram, se foram vendidos...”. Entrevista concedida a Patrick Chabal.

(CHABAL, 1994, p. 297). Além disso, a observação na educação dos filhos e o incentivo à continuidade das tradições de seus povos são marcas presentes nas obras da moçambicana.

Em sua juventude, Chiziane participou ativamente da luta revolucionária pela independência de Moçambique com a FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique), partido político que está no poder atualmente. Machel (2021, p. 17) informa que

Foi em Outubro de 1966, numa reunião do Comitê Central, que a FRELIMO decidiu que a mulher moçambicana deve participar mais ativamente na luta de Libertação Nacional, em todos os níveis. Foi decidido que ela deveria receber treino político e militar, para ser capaz de desempenhar todas as tarefas exigidas pela revolução.

Com o passar do tempo, Paulina se viu desapontada com os rumos tomados pelo partido, principalmente, com as retrições colocadas às mulheres em relação às posições de liderança, já que, ocupando cargos hierarquicamente inferiores, continuavam subordinadas aos homens, numa demonstração de contradição às propostas revolucionárias das quais a autora outrora partilhou.

Afastada da política, Chiziane se empenhou na produção literária. Em 1984, a escritora publicou crônicas nas revistas *Domingo* e *Tempo* e na sequência escreveu o já mencionado romance *Balada de amor ao vento* (1990), uma narrativa memorialista, de cunho histórico, com a narradora protagonista, portanto, em primeira pessoa, é possível estabelecer uma relação com a tradição europeia do romance de formação, no qual se pode descortinar quem é a personagem que se apresenta no início e, por meio de recursos mnemônicos, vai contando sua trajetória.

Conforme Rosário (2010, p. 128), “ela aborda a problemática do casamento tradicional e a rebeldia de uma jovem contra os cânones a que estava social e culturalmente obrigada”. A narrativa adota a perspectiva local, o endógeno se sobrepõe ao exógeno, a protagonista narradora fala da sua terra, do ritual de iniciação, do seu cotidiano e de sua experiência íntima. Trata-se de uma obra com alto lirismo. Há uma fusão de tempos por meio do monólogo interior, aproximando-se da ideia de tempo contínuo como na poesia, no ponto em que busca elementos nas lembranças, nos pensamentos, adentrando-se à subjetividade do mundo interior em que os tempos se confundem. Todavia, por outro lado, há também na obra, marcas do período colonialista, como, por exemplo, a referência ao processo de cristianização, à

deportação (degredo), ao trabalho forçado (xibalo), à violência institucional (cipaio), ao comércio por meio da moeda e à emigração ao centro urbano.

A autora narra histórias que observou ou ouviu nos rituais de contação e nas cantigas entoadas pelas mulheres africanas enquanto fazem seus trabalhos, como lavar a roupa ou cultivar a terra.

As minhas memórias mais remotas são das noites frias à volta da lareira, ouvindo histórias da avó materna. Nas histórias onde havia mulheres, elas eram de dois tipos: uma com boas qualidades, bondosa, submissa, obediente, não feiticeira. Outra era má, feiticeira, rebelde, desobediente, preguiçosa. A primeira era recompensada com um casamento feliz e cheio de filhos; a última era repudiada pelo marido, ou ficava estéril e solteirona (CHIZIANE, 2013, p. 09).

Um ponto marcante na literatura feminina africana diz respeito às temáticas mais recorrentes, pois, em sua maioria, não incluem questões relevantes para as mulheres. Essa realidade fez a escrita de Chiziane destoar das demais. Outro ponto é o fato de não equiparação na quantidade de mulheres e homens escritores. Uma característica a se considerar é o índice de analfabetismo no período colonial e pós-colonial, fator que provavelmente contribuiu para a escassa produção literária escrita por mulheres em Moçambique.

Estudiosos apontam a desigualdade de oportunidade de acesso aos estudos como razão para explicar “[...] o reduzido número de escritoras na África, se comparado ao de autores homens, o fato de não ter havido, até recentemente, uma equidade de oportunidades educacionais para homens e mulheres na África” (SOARES; CARBONIERI, 2016, p. 138). Portanto, mesmo que a nível ficcional, escrever acerca de questões como a poligamia materializa a reflexão sobre o universo feminino e corrobora no sentido de romper com os estereótipos históricos, por outro lado, expõe temáticas não abordadas por seus pares. Segundo Guedes (2005, p. 5):

Na maioria dos textos produzidos por escritoras africanas os temas mais comuns são a valorização excessiva da maternidade que entra em conflito com o desejo de autorrealização da mulher, a questão dramática da infertilidade feminina, a culturalmente autorizada infidelidade masculina, os efeitos da desigualdade econômica e social que marca a posição da mulher na maioria das sociedades africanas, e as dificuldades enfrentadas nos processos de imigração e assimilação de novas culturas.

O hábito de negar a importância da mulher se consolidou numa postura de não

aceitação, além disso, a recorrência desse hábito se naturalizou como um fator cultural. Silenciadas, desrespeitadas e à margem do espaço social, as mulheres não foram fidedignamente representadas nas literaturas. Meneses (2008, p. 74) ressalta que: “O conhecimento, sendo uma forma de poder, está intimamente associado à violência”. Dessa forma, possuir conhecimento está atrelado a ter poder e a falta de acesso a ele se configura um exercício injusto. Nesse sentido, negar às mulheres as oportunidades oferecidas aos homens gerou uma grande desigualdade de gênero.

Rompendo com as temáticas abordadas por seus pares, Chiziane fez de sua experiência testemunhal a base para suas narrativas. Em algumas de suas obras, é notório o percurso da realidade para a ficção, ao ser entrevistada relatou um pouco de onde vem sua inspiração:

Falei com mulheres, mas também conheço histórias já seculares. Esse problema da mulher já se arrasta há muito tempo. As próprias mulheres, quando escrevem, muito poucas vezes se debruçam sobre os seus problemas como mulheres. Em Moçambique, como qualquer parte da África, a condição da mulher, a sua situação, o tipo de oportunidades que tem na sociedade, o estatuto que tem dentro da família, na sociedade, é algo que de fato merece ser visto. Porque as leis da tradição são muito pesadas para uma mulher (CHABAL, 1994, p. 298).

No cenário literário contemporâneo, mulheres autoras, a exemplo de Paulina Chiziane, têm se concretizado como transgressoras das verdades absolutas e consolidadas. Como resultado, passaram a produzir uma escrita,

[...] cuja intervenção nas respectivas culturas e literaturas abriram um novo espaço de discussão, na perspectiva do feminino, sobre questões delicadas envolvendo temas como sexualidade, violência contra a mulher e contra a criança, poligamia, tribalismo, exploração sexual, guerras civis ou experiências da emigração, do exílio e da memória, apresentando olhares novos e diferenciados sobre antigos tabus, crenças e costumes cristalizados numa sociedade em que a sujeição ao comando masculino constitui a regra (GUEDES, 2005, p. 5).

Certamente, ao produzir uma escrita engajada, mesmo que de forma despretensiosa, abordando temáticas que afetam a vida das mulheres e o seu convívio social, escritoras têm dado voz ao ser ‘subalterno’, porém esse processo não ocorre de modo simplório, pelo contrário, para se fazer ouvir em um espaço ocupado, predominantemente, por homens, é necessário muito esforço e determinação, além

de adotar uma posição incisiva em sua afirmação da importância social de pensar, para deslocar as disposições do poder e democratizá-las por parte das autoras, conforme relata Chiziane (2013, p. 11):

Como é que a sociedade recebeu a notícia de que eu estava a escrever o meu livro? Primeiro com cepticismo e muito desprezo da parte dos homens. Muitas pessoas acreditavam e ainda acreditam que a mulher não é capaz de escrever mais do que poeminhas de amor e cantigas de embalar. Consideraram-me uma mulher frustrada, desesperada, destituída de razão. Foi um momento terrível para mim. Mas, por outro lado, estas atitudes tiveram um efeito positivo porque forçaram-me a demonstrar pela prática que as mulheres podem escrever e escrever bem.

Em suas obras, geralmente a autora descreve a mulher em processo de superação, saindo de uma posição inferior e silenciada para ocupar e falar de um lugar comum ao gênero masculino. É justamente nesse ponto que ocorre o rompimento com os paradigmas literários, majoritariamente, existentes, já que o direito de fala foi assegurado a quem preenche certos requisitos, estipulados por detentores do poder.

Com seu conhecimento cultural, Chiziane inaugura essa escrita que aborda questões da atualidade, do ponto de vista da mulher, explora temáticas delicadas e até então silenciadas na sociedade moçambicana. Para designar essa forma de representação, alguns teóricos têm adotado a nomenclatura 'escrita feminina na Modernidade Reflexiva'. Um exemplo é a obra *Balada de amor ao vento*, considerado o primeiro romance publicado por uma mulher em Moçambique. A autora declarou ter trazido o ponto de vista da mulher para a literatura:

É um livro que fala da condição feminina e da África em geral. Tenho um mundo de informações sobre África, sei muito bem o que é... os nossos problemas, o amor, o adultério, a poligamia. E eu sinto que a visão do mundo existente hoje, pelo menos em termos de escrita, é o ponto de vista masculino (CHABAL, 1994, p. 298).

Essa forma de expressão feminina por meio da escrita representa a ruptura com a literatura canônica na qual as mulheres ocuparam um papel secundário, principalmente, a mulher negra. Ademais, a narrativa se caracteriza pela produção em que o sujeito e o objeto da escrita são as próprias mulheres, são as criadoras de seus textos literários a partir de sua subjetividade, da experiência de ser mulher. Partindo do lugar de vivência da ancestralidade, essas histórias são construídas. Em suas

obras, Paulina Chiziane destaca a sua opção pela oratura⁶ ao afirmar que “[...] posso dizer que a oralidade é o elo mais forte na minha escrita. Uma vez que para mim, a oralidade dá mais dinâmica a palavra. Não gosto da palavra escrita que não se pode ouvir” (CHABAL, 1994, p. 300).

Uma autodefinição muito utilizada por ela é se identificar como contadora de histórias e não romancista. Talvez adote tal denominação por reivindicar sua ancestralidade como *Griot*⁷ e não por modéstia, pelo contrário para se orgulhar de sua herança africana. Por outro lado, a autora já declarou que não gosta de ficar presa a modelos estéticos e que preza muito por sua liberdade criadora⁸.

A literatura impactada pela oralidade e a característica de se intitular como contadora de histórias e não como romancista, não é uma exclusividade da autora, outros grandes escritores romancistas também já declararam preferir ser conhecidos como contadores de histórias, como, por exemplo, o célebre autor cabo-verdiano Germano Almeida. Possivelmente essa autodenominação esteja revestida de simbolismo, no sentido de remeter aos antigos contadores de histórias-*Griots*. Em suas narrativas ficcionais, há marcas que podem representar extratos sociais, como ficará delineado na sequência.

Em sua trajetória como escritora, publicou o romance *Ventos do apocalipse* (1993). Nessa obra, “[...] a autora aborda o difícil tema da guerra civil, com toda a procissão de horrores que se abatem sobre gente inocente, desde crianças-soldados a crianças órfãs, mulheres, velhos, a violência tomando conta de todos [...]” (ROSÁRIO, 2010, p. 128). No texto, o foco narrativo em terceira pessoa, voz por vezes onsciente, se aproxima de um personagem com discurso indireto livre. São vozes sociais fragmentadas que aparecem no romance. A narrativa estabelece a

⁶ Although the term “oral literature” is still widely used by humanists and social scientists, many scholars, including Africanists, consider it to be something of an oxymoron. Increasingly, “orature” is the preferred label for literature that simulates or is influenced by orality. (HAMILTON, p. 166, 2003).

Embora o termo “literatura oral” ainda seja amplamente utilizado por humanistas e cientistas sociais, muitos estudiosos, incluindo africanistas, consideram-no uma espécie de oximoro. Cada vez mais, “oratura” é o rótulo preferido para literatura que simula ou é influenciada pela oralidade” (Tradução nossa).

⁷ Esse termo, de origem francesa, designa uma série de funções características de sociedades africanas em que os conhecimentos são tradicionalmente transmitidos pela palavra oral. O griot era o cronista, o genealogista, o arauto, mas, principalmente, aquele que dominava a palavra. Por isso, era o poeta, o músico, o contador que percorria grandes distâncias para contar ao povo os acontecimentos do passado. O griot ou dieli está próximo do doma, o grande conhecedor das coisas (História Geral da África, 1982).

⁸ Programa Extra-classe - Paulina Chiziane. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qMPv19JJHUo>. Acesso em fev.2022.

possibilidade de relacionar o vento com a mudança, e o apocalipse com a assimilação religiosa cristã entremeada às culturas africanas. Quanto ao período retratado, refere-se aos dezesseis anos da guerra de desestabilização e guerra civil pós-independência, ilustrando na narrativa a desintegração do pertencimento familiar como consequência da guerra.

Em relação à narrativa *O sétimo juramento* (2000), a história se passa durante a guerra civil, no espaço urbano. A trama mostra a elite política diretiva, os assimilados, os comandantes da nação beneficiários da revolução, revelando a distopia da revolução política social e a falência do estado revolucionário ideário de um estado para todos, para um estado capitalista. A este respeito, Rosário (2010, p. 129) aponta que:

É uma obra aparentemente enquadrada no contexto do movimento de retorno às raízes, tentando acompanhar as tendências do comportamento da nova burguesia emergente em Moçambique, que, na ressaca das mudanças operadas do regime monopartidário e da economia planificada, ideologicamente identificado com o movimento comunista internacional, ateu e distante dos valores tradicionais, hoje se redescobre negro originário, tradicionalista, à mistura com a euforia neoliberal que lhe dá acesso ao poder econômico, com alianças enviesadas quer com o poder político, quer com interesses que nada têm a ver com os interesses nacionais.

A narrativa aborda, ainda, questões como a fome, a corrupção e a desigualdade abissal, simbolicamente, representada pelo juramento de transformar o sangue dos familiares em ouro, em uma referência à assimilação. Além disso, o nome dos personagens são europeus ou cristãos, como, por exemplo, David, Clemente, Vera, Suzy, Inês, Lourenço, estabelecendo uma identidade psicológica. Para Rosário (2010, p. 133), a identidade na literatura moçambicana, ou seja, a moçambicanidade, obrigatoriamente se compõe de dois elementos, “[...] por um lado somos fruto dos valores que o português impôs e que bem ou mal fomos assimilados e, por outro, somos fruto também da realidade em que nos inserimos, esta África profunda e irressistível”, atualmente, se redescobrimo por meio das tradições e valores originários.

Niketche: uma história de poligamia (2002) é outra obra de Chiziane com notória importância. O romance lhe rendeu o Prêmio José Craveirinha, entregue pela AEMO (Associação dos Escritores Moçambicanos), além de ter sido eleito o melhor romance do ano de 2003. A trama traz a história de uma personagem em crise. Em uma narrativa distópica, reveladora da opressão à mulher e sua relação com a

poligamia. O texto quase testemunhal se aproxima da situação social da mulher inserida cultural e politicamente no sistema patriarcal, em decorrência do processo de colonização, no contexto da guerra e pós-guerra vivenciado na sociedade moçambicana.

Na sequência, Paulina Chiziane publicou *O alegre canto do perdiz* (2008), romance que trata da desapropriação cultural. Na história, há uma saga familiar em que o percurso das gerações sinaliza as transformações sócio-políticas, em que cada personagem indica um momento da história moçambicana. Serafina, por exemplo, aceita as imposições da sociedade, inclusive a tradição, Delfina ascende ao mundo capitalista, enquanto a terceira geração representada por Maria das Dores não se identifica com a ideologia de Delfina, possibilitando o resgate da família em sua última geração.

Posteriormente, a autora lançou o conto *As andorinhas* (2008), e na sequência as obras: *Na mão de Deus* (2012), *Por quem vibram os tambores do além* (2013), *Ngoma Yethu: o curandeiro e o Novo Testamento* (2015) e *O canto dos escravos* (2017). Várias de suas produções trazem a representação simbólica de acontecimentos pelos quais tem passado a sociedade moçambicana, desde as guerras até os conflitos mais íntimos do âmbito familiar. Como o objetivo do presente estudo está direcionado ao romance *Niketche*, inaugura-se a seguir a análise da referida narrativa.

3.1 O feminismo e o percurso para representação de novas identidades

Podemos observar as marcas do feminismo em *Niketche* pela construção da narrativa. Há indubitável contestação das regras sociais impostas pelo sistema patriarcal, ao mesmo tempo em que a protagonista procura formas de sair do silenciamento e ter participação social, principalmente, ao passo que, consciente do passado de seu país e do legado de seus ancestrais, procura resignificar as memórias da guerra e de luta por independência, enquanto busca reconfigurar e construir sua autoidentidade. São notórias as marcas da trajetória de Moçambique e as políticas que tratam dos direitos das mulheres em sua escrita. A própria Chiziane reconhece o aspecto engajado de sua literatura; “[...] não gosto muito de dizer isso mas é uma realidade – é um livro feminista. Portanto minha mensagem é uma espécie de denúncia, é um grito de protesto” (CHABAL, 1994, p. 298). Por meio de um narrar

intimista, desmistifica preconceitos sobre tradições como a poligamia e traz à tona a discussão sobre outros rituais condicionantes como *lobolo* e *kutchinga* e a própria *niketche*, representando o lugar social da mulher.

Conforme aduzido alhures, a autora é precursora no gênero romance escrito por mulheres em Moçambique, o que muitos podem considerar um acontecimento tardio, porém a explicação para esse fato não é algo que pode ser considerado desconhecido. Em 1928, a filósofa Virgínia Woolf desenvolveu um estudo marcante sobre a autoria femina na literatura, no bojo da obra *Um teto todo seu*. Naquela oportunidade, a autora tratou sobre a situação social das mulheres em relação à escrita. Abordou desde a dificuldade de acesso à literatura produzida até a falta de liberdade para se tornar escritora, devido às atribuições especificamente femininas impostas pela sociedade, como cozinhar, cuidar da casa e dos filhos, além de limitar o acesso à vida pública por considerá-las menos capazes que os homens.

O surgimento de movimentos sociais, como o feminismo, teve papel determinante no reconhecimento da equidade de gênero. Segundo Bonnici (2007, p. 86), “O feminismo, enquanto movimento político, social e filosófico que pregava a igualdade social entre os sexos, com o intento de eliminar qualquer dominação sexista e de transformar a sociedade [...]”, praticou várias ações a partir do século XX. Ademais, a partir de 1970, no contexto do feminismo, surgiu a crítica feminista com o intuito de romper com a realidade excludente no campo literário. De acordo com Rossini (2014, p. 3),

[...] passa a agir no sentido de possibilitar a representação de perspectivas sociais que o cânone literário masculino não fora capaz de evidenciar, descortinando a história tradicional e sexista da representação das mulheres no terreno literário de autoria masculina e assim permitindo a inclusão de vozes antes marginalizadas, tanto na produção dos textos, quanto na representação literária, o que contribuiu para que essas vozes fossem imersas no campo literário - portanto, que fossem legitimadas.

A literatura escrita por mulheres passou a ser reinterpretada pela ótica da alteridade e da diferença, com base na bandeira do feminismo, essa atitude foi fundamental na construção de uma história de resistência e de afirmação da identidade e desestabilização de paradigmas e saberes instituídos. É decorrente desse movimento a reflexão sobre a submissão da mulher e as liberdades individuais quase que exclusivamente masculinas, muitas vezes naturalizadas, como no caso da

sociedade moçambicana. “Históricamente, o cânone literário [...] foi constituído pelo homem ocidental, branco, de classe média/alta; portanto, regulado por uma ideologia que exclui os escritos das mulheres, das etnias não-brancas, das chamadas minorias sexuais” (ZOLIN, 2019, p. 319).

Segundo Duarte (2009, p. 31), “foi necessário esperar que as mulheres tomassem a palavra, se impusessem no espaço público e pudessem, por fim, construir as próprias representações” não que esse tenha sido um percurso fácil, pelo contrário, para a maioria das escritoras o trabalho é árduo. Conforme revela Chiziane (2013, p. 12), “Devo confessar que nas condições da actual sociedade, se a mulher pretende um reconhecimento igual ao do seu parceiro masculino deve trabalhar duas ou três vezes mais”. Para romper com sua exclusão do campo literário, foi necessário, às mulheres, adotar a postura de alteridade. nesse sentido, Lobo (1999, p. 5) assinala que:

Ser o outro, o excluído, o estranho é próprio da mulher que quer penetrar no sério mundo acadêmico ou literário. Não se pode ignorar que, por motivos mitológicos, antropológicos, sociológicos e históricos, a mulher foi excluída do mundo da escrita – só podendo introduzir seu nome na história europeia por assim dizer através de arestas e frestas que conseguiu abrir através de seu aprendizado de ler e escrever em conventos.

Ao representar as mulheres em suas obras, Chiziane as inscreve no processo de significação e, por conseguinte, em um processo cultural a partir do qual é possível estabelecer identidades individuais e coletivas. Tratando da recepção acerca de sua narrativa, a autora declarou:

A reacção ao meu livro? Bom, é o primeiro livro feminista que sai em Moçambique. Até agora ainda não encontrei muitas pessoas que me falassem da qualidade em termos estéticos, a esse nível superior. Mas as pessoas estão muito interessadas no tema. Porque, através deste pedaço de leitura, eles constroem outros mundos, portanto é uma coisa que causa polémica, é uma coisa que faz as pessoas conversarem, reflectirem, tudo isso (CHABAL, 1994, p. 299-300).

A literatura enquanto sistema simbólico permite o questionamento das identidades e constrói lugares a partir dos quais determinados sujeitos podem se posicionar, falar e ser ouvidos. Confirmando as afirmações da crítica feminista, a autora revelou que:

Do período que vai da escrita do livro até a sua publicação, entrei em contacto com homens de diversas instituições e que não me ajudaram em nada ou ajudaram muito pouco. Contudo, quase todos eles não se esqueceram de fazer-me propostas sexuais, convites de jantar, como condição necessária para a ajuda de que tanto necessitava. Mais tarde entrei na Associação dos Escritores. Mesmo ali a minha integração como mulher não se fez sem grandes esforços (CHIZIANE, 2013, p. 12).

A dificuldade descrita por Chiziane é a comprovação da existência de um sistema discriminador em relação à autoria feminina. Somente a ruptura com esse posicionamento possibilita às mulheres registrar seu ponto de vista por meio da escrita. Dessa forma, Zolin (2019, p. 320) esclarece que:

O novo lugar que a mulher passa a ocupar na sociedade em decorrência do feminismo fez-se refletir (e não poderia ser diferente) nesse *status quo*. De um lado, a crítica literária, antes de domínio quase exclusivamente masculino, passou a ser praticada por mulheres; de outro, estas passaram a escrever mais como literatas, livres dos temores da rejeição e do escândalo.

A partir do feminismo, é notório o aumento na produção literária de autoria feminina, possibilitando o surgimento de novas identidades por meio da representação. Essa dinâmica consiste “[...] em compreender o modo como os indivíduos, no interior de seus grupos sociais, interpretam, constroem e representam suas experiências no mundo em que estão inseridos e, portanto, sua realidade social” (BOURDIEU, 2007, p. 447). Os questionamentos a respeito dos saberes postos e identidades homogêneas surgiram a partir da desconstrução do saber e das convenções sociais estabelecidas pelo cânone, majoritariamente, masculino existente. Fatores como as mudanças sociais relacionadas ao acesso à educação e ao trabalho têm impulsionado o surgimento do que se convencionou chamar de crise identitária.

Para o teórico Stuart Hall (2011, p. 07), “A questão da identidade está sendo extensamente discutida na teoria social. Em essência, o argumento é o seguinte: as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio”. Nesse sentido, estaríamos diante do processo de criação de novas identidades, possibilitado pela modernidade tardia.

A crise identitária surge frente às novas identidades, que por sua vez são

resultado de mudanças políticas, econômicas e culturais. Essas mudanças podem ainda, ser a nível pessoal, local e global. Segundo Woodward (2000, p. 20 apud GIDDENS, 1990), “[...] as “crises de identidade” são características da modernidade tardia e que sua centralidade atual só faz sentido quando vistas no contexto das transformações globais que têm sido definidas como características da vida contemporânea”. Na contemporaneidade, é notório o diálogo entre o feminismo e os estudos pós-coloniais. A literatura crítica feminista teve importante papel ao questionar posições solidificadas. De acordo com Hall (1996, p. 264), “como um ladrão na noite, o feminismo forçou a entrada, causou uma interrupção, fez um estardalhaço, apoderou-se do momento”, ao registrar sua presença nos discursos elitizados de forma que impuseram sua presença em locais antes não ocupados pelas minorias.

Todas essas mudanças produzem o sujeito pós-moderno, como consequência, o processo de identificação por meio do qual reconhecemos nossas identidades culturais não são estáticas, de forma que o sujeito pode assumir diferentes identidades até mesmo, contraditórias. Para Woodward (2000, p. 18), “A representação, compreendida como um processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia fornecem possíveis respostas às questões: Quem eu sou? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser?”. As relações sociais, a cultura e o sistema de representação marcados pelo discurso afirmam certas identidades, além disso, as relações de poder ditam quem é excluído e quem tem direito à voz, quais as identidades são aceitas ou contestadas, “[...] a identidade marca o encontro de nosso passado com as relações sociais, culturais e econômicas nas quais vivemos agora [...] a identidade é a intersecção de nossas vidas cotidianas com as relações econômicas e políticas de subordinação e dominação” (WOODWARD, 2000, p. 19, apud RUTHERFORD, 1990).

Em se tratando de literatura moçambicana, é necessário levar em conta a definição de moçambicanidade, pois é uma componente identitária. Para Rosário (2010, p. 126), “A formatação dos contornos identitários é um processo conturbado, lento e por vezes geradora de polêmicas”. Segundo o autor, o discurso político monopolizou os contornos do que é moçambicanidade em nome da Unidade Nacional, porém há um problema nesse discurso, o fato de ser reducionista. Portanto, para ir além da classificação posta, é importante a livre reflexão, totalmente descompromissada. “Deixar a questão da identidade simplesmente nas mãos do discurso político seria hipotecar todo o conjunto de contribuições que, obra a obra, a

nossa literatura foi nos concedendo” (ROSÁRIO, 2010, p. 127). Em *Niketche*, a imagem do sujeito nacional homogêneo se desfaz pela inquietude de uma protagonista em crise existencial e identitária.

Por sua vez, os Estudos Culturais têm trazido luz para o debate sobre a identidade, desfazendo o paradoxo estabelecido pelo jogo da diferença, no qual todas as identidades são híbridas. Segundo Hall (2003, p. 15-16), “[...] o paradoxo se desfaz quando se entende que a identidade é um lugar que se assume, uma costura de posição e contexto, e não uma essência ou substância a ser analisada”. Isso explica o pesamento da crítica literária feminista ao defender inúmeras formas de feminismo como “[...] respostas para questões relacionadas às mulheres e seu modo de estar na sociedade, defendem a tese de que sua abrangência estende-se dos matriarcados neolíticos aos feminismos contemporâneos” (ZOLIN, 2019, p. 213).

Diferente do imaginário muito disseminado popularmente, ser feminista [...] “não é uma prática de ódio aos homens nem de falta de afeto ou de vaidade feminina: é uma prática de cuidado com todos os seres sem distinção de gênero ou sexo” (ADICHIE, 2021, p. 71). É acima de tudo, a possibilidade de escolha e o direito de fala somados com a liberdade de ir e vir para homens e mulheres.

O feminismo se configurou em “[...] um movimento político bastante amplo que, alicerçado na crença de que consciente e coletivamente, as mulheres podem mudar a posição de inferioridade que ocupam no meio social” (ZOLIN, 2019, p. 213), apesar de não somar materialmente mais do que três séculos de existência, tem consolidado grandes conquistas como “[...] reformas culturais, legais e econômicas, referentes ao direito da mulher ao voto, à educação, à licença maternidade, à prática de esportes, à igualdade de remuneração para a função igual etc., até uma teoria feminista acadêmica” (ZOLIN, 2019, p. 213), possibilitando um novo olhar sobre a historicização e a escrita literária.

3.2 Estado da arte sobre a identidade na escrita de Paulina Chiziane

Com o objetivo de identificar os estudos já realizados consultamos bancos de teses e dissertações nas plataformas *SciELO* e BDTD (Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações), utilizando os termos indutores: *Niketche* e Identidade.

O recorte temporal foi fixado, tendo em vista a publicação da obra *Niketche: uma história de poligamia* em 2002, pela Editorial Caminho e, em 2004, pela

Companhia das Letras. Para nortear a verificação do estado do conhecimento sobre a identidade no referido romance, dedicamos a investigação para os resumos das dissertações disponíveis nas plataformas acima citadas.

Ao inserir os termos indutores no banco de pesquisa da BDTD, encontramos 13 dissertações, porém, constatamos que, no estado de Mato Grosso, havia apenas um estudo relacionando ao nosso eixo de pesquisa, de autoria da pesquisadora Soraya do Lago Albuquerque, que desenvolveu sua pesquisa junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal de Mato Grosso, tal informação demonstra a importância de continuarmos com o presente estudo, visto que é evidente o grau de ineditismo e a necessidade de investigação nesse campo.

Na tabela a seguir, foram catalogados os dados das pesquisas encontradas no sítio da BDTD. Os estudos estão organizados por ordem cronológica a partir do marco temporal fixado, o ano de 2004.

Tabela 1: Distribuição temporal dos trabalhos catalogados por ano de publicação - BDTD

AUTOR(A)	TÍTULO	ANO	LOCAL
Irineia Lina Cesário	Niketche: a dança da recriação do amor poligâmico	2008	Dissertação (Mestrado em Literatura) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008
Waltecy Alves dos Santos	A voz feminina na literatura de ascendência africana: hibridismo de mitos e ritos nos romances Niketche de Paulina Chiziane e A cor púrpura de Alice Walker	2009	Dissertação (Mestrado em Literatura) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009
Erika Tonelli de Araújo	Um olhar sobre a cultura e sociedade em Moçambique: a ficção e a realidade em Niketche: uma história de Poligamia	2009	Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, 2009
Badou Koffi Robert	A consciência da subalternidade: trajetória da personagem Rami em Niketche de Paulina Chiziane	2010	Dissertação Letras (Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa), USP, São Paulo, 2010.
Ianá Souza Pereira	Vozes Femininas de Moçambique	2012	Dissertação (mestrado) Letras (Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa), Universidade de São Paulo, 2012
Soraya do Lago Albuquerque	O patchwork literário de Paulina Chiziane e Toni Morrison : um estudo comparativo entre Niketche : uma história de poligamia e Beloved	2014	Dissertação Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2014
Maria Inês Francisca Ciríaco	Moçambique multicultural e multilinguístico um estudo de Niketche: uma história de poligamia	2015	Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2015
Renata Vaz Shimbo	O corpo-texto no corpo-feminino em Niketche: uma performance literária	2015	Dissertação (Mestrado em Literatura) - Pontifícia Universidade Católica de São

			Paulo, São Paulo, 2015
Igara Melo Dantas	A dança das confissões: introdução à oralidade, performance e inscrição em Niketche, de Paulina Chiziane	2017	Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2017
Carina De Lima Carvalho	"Mulher Bonita, Onde Vais?": Narrativa Poética e Construção do Feminino em Niketche: Uma História de Poligamia, de Paulina Chiziane	2018	Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), São Paulo, 2018
Ika Souza dos SANTOS	Narrativas de empoderamento: um olhar à ficção de Paulina Chiziane	2018	Dissertação (mestrado) - Programa de Pós Graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife-PE, 2018
Renata Maria Teresa dos Santos Francisco	Representação de mulheres moçambicanas na obra de Paulina Chiziane Niketche: uma história de poligamia	2019	Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Estudos Pós-Graduados em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019
Suelen dos Santos Villanova	O silenciamento e a vocalização das mulheres em Niketche e O sétimo juramento, de Paulina Chiziane	2021	Dissertação (mestrado) - Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021

Fonte: tabela elaborada pela autora com base nos registros da BDTD.

Foram analisados os resumos das dissertações acima mencionadas, a partir dos quais foi possível identificar os objetivos principais de cada investigação, além do referencial utilizado por cada pesquisador. Ademais, concluímos que a Região Sudeste, do Brasil, foi a que mais teve estudos realizados sobre a obra *Niketche*, provavelmente esse último dado se configura em decorrência do número de pesquisadores ser maior que em outras regiões, somando-se evidentemente ao incentivo dos estudos da literatura africana escrita em língua portuguesa.

É notório que várias pesquisas acadêmicas têm se debruçado a entender a visão que a protagonista Rami transmite sobre a poligamia, por outro lado, em outros trabalhos observa-se uma especial atenção em estabelecer proximidade da narrativa de Chiziane com o mundo mítico, como, por exemplo, na primeira dissertação catalogada, de autoria da pesquisadora Irineia Lina Cesário, a qual tece uma leitura de analogia com o conto *Branca de Neve e os Sete Anões*, dos Irmãos Grimm, além disso, outros estudos dispensam atenção ao rito de iniciação configurado na dança Niketche e a discussão que inclui o corpo feminino. O silenciamento e a subalternidade da mulher têm sido alvo de discussão nas pesquisas já realizadas, somados aos demais, os apontamentos a respeito da pluralidade cultural de Moçambique representada na obra literária objeto da presente pesquisa também estão em voga

nos estudos desenvolvidos.

Além da base de dados da BDTD, fizemos buscas na plataforma *SciELO*. Ao pesquisar pelos mesmos termos indutores alhures mencionados, identificamos apenas uma entrevista concedida por Paulina Chiziane ao professor Tiago Ribeiro dos Santos⁹ e publicada em 2018 sob o título: *Guerras, mulheres e memórias: entrevista com a escritora Paulina Chiziane*.

Dentre as contribuições para os estudos da obra de Chiziane, a teórica Ana Mafalda Leite dedicou um capítulo em sua obra *Literaturas africanas e formulações pós-coloniais* (2013) para tratar sobre a produção literária de Chiziane, o capítulo intitulado “Paulina Chiziane: romance de costumes, histórias morais” se dedica, principalmente, sobre duas de suas obras: *O sétimo juramento* (2000) e *Niketche: uma história de poligamia* (2002).

É necessário ressaltar também o capítulo 7 do livro “*Encontros com Moçambique*” (2016), escrito por Fatime Samb, intitulado “A mulher moçambicana e as práticas culturais” no qual a autora aborda várias questões inseridas na narrativa *Niketche: uma história de poligamia* (2002).

O objeto da presente pesquisa avança em relação aos demais estudos já desenvolvidos ao propor a discussão sobre a representação identitária na escrita literária de Paulina Chiziane, mais especificamente, na obra *Niketche*. Esse ponto teve pouco espaço reservado nas pesquisas analisadas, aspecto revelador da relevância e contribuição do tema em tela. Portanto, a temática da identidade carece de aprofundamento acadêmico.

3.3 O duplo e suas implicações em *Niketche*

A reconfiguração identitária da personagem Rami tem início quando ela vive um momento de estranhamento, ao não reconhecer sua imagem diante do espelho, conforme excerto da narrativa a seguir: “Meu Deus, o meu espelho foi invadido por uma intrusa, que se ri da minha desgraça. Será que essa intrusa está dentro de mim? Esfrego os olhos, acho que enlouqueci” (CHIZIANE, 2004, p. 15). O eu do espelho reconecta Rami com sua essência perdida ou até mesmo desconhecida. Segundo Rosário (2010, p. 147), “O jogo de espelhos em que a narradora inúmeras vezes tenta

⁹ *Guerras, mulheres e memórias: entrevista com a escritora Paulina Chiziane*. Revista Estudos Feministas 2018, Volume 26, nº 02.

confrontar o seu eu com a imagem refletida com a qual dialoga é um recurso intimista muito usado pela corrente existencialista [...]”. Esse recurso literário atua com a personagem, permitindo ao leitor perceber essa dualidade, como no excerto a seguir:

Fico angustiada e olho bem para ela. Aqueles olhos alegres têm os meus traços. As linhas do corpo fazem lembrar as minhas. Aquela força interior me faz lembrar a força que tive e perdi. Esta imagem não sou eu, mas aquilo que fui e queria voltar a ser. Esta imagem sou eu, sim, numa outra dimensão (CHIZIANE, 2004, p. 16-17).

Para Rosário (2010, p. 147), “O espelho, normalmente, contradiz os nossos passos e obriga-nos a pôr os pés no chão, lembrando-nos os defeitos e as incapacidades”. É nesse sentido a reflexão da personagem, ao confrontar sua crença de que a traição do marido é desencadeada pela conduta de outras mulheres. “Pensa bem, amiga minha: serão as outras mulheres as culpadas desta situação? Serão os homens inocentes?” (CHIZIANE, 2004, p. 33). Na narrativa, a interação da personagem com seu reflexo, certamente, evoca o questionamento sobre a identidade da personagem, pois ela tenta se reconhecer na dimensão psicológica. “O espelho torna-se cruel porque diz a verdade. A protagonista, Rami, sempre que desesperada, tentava a cumplicidade do espelho e este sempre lhe negou” (ROSÁRIO, 2010, p. 147).

A configuração do duplo imagem/reflexo já foi objeto de análise por autores como Umberto Eco (1989) e Clément Rosset (2008) em relação à identidade humana. Segundo Varela (2018, p. 28), “o duplo possui duas dimensões: a da imaginação [...] e a psicológica, centrada na ambiguidade da relação eu/outro, que oscila entre a identificação e a oposição entre esses pares”.

Por conseguinte, a dimensão psicológica do eu não se pauta na finitude com o desfecho morte, mas sim na efetiva existência, no questionamento; quem sou eu? De acordo com Rosset (2008, p. 112), [...] “o duplo é sempre intuitivamente compreendido como tendo uma realidade “melhor” do que o próprio sujeito – e ele pode aparecer neste sentido como representando uma espécie de instância imortal em relação à mortalidade do sujeito”. Desse modo, muito mais do que a morte em si, o motivo da angústia do sujeito seria a sua inexistência, a sua não-realidade. O duplo único configura-se como “[...] o eco surdo de uma angústia mais profunda, que tem por objeto a identidade não apenas legal, mas existencial: sou eu mesmo, sou realmente eu que vivo, eu que nenhum documento garante [...]” (ROSSET, 2008, p. 113).

A heroína Rami visualiza no espelho o duplo se autoafirmando por meio da dança, ao questionar o reflexo, tem a confirmação da ‘realidade melhor’: “– Por que danças tu, espelho meu? – Celebro o amor e a vida. Danço sobre a vida e a morte. Danço sobre a tristeza e a solidão. Piso para o fundo da terra todos os males que me torturam” (CHIZIANE, 2004, p. 16). A resposta recebida remete às tradições dos povos africanos, para quem a dança tem notória importância, fazendo-se presente em diferentes momentos de suas vidas, de maneira que é possível categorizar o ‘duplo’ alegre, imerso na cultura tradicional em descompasso com o ‘único’ triste, assimilado à cultura do colonizador, configurando-se agora como ‘outro’. Bhabha (1992) menciona a constituição do outro por meio do encontro entre povos originários e colonizador, por exemplo, a partir dessa relação surgiria o outro, “o poder colonial produz o colonizado com uma realidade fixa que é imediatamente em “outro” a ainda inteiramente conhecível e visível” (BHABHA, 1992, p. 186). Portanto, as relações entre passado e presente, colonizado e colonizador, não seriam binárias, apesar das relações de poder, há um processo de hibridação. Nesse sentido, o presente estaria em diálogo não linear com o passado não superado.

Retomando a ideia de Bhabha (1992), a personagem Rami ao conhecer/encontrar a sua ancestralidade não voltará a ser a mesma de antes, ela será transformada a partir dessa relação com o outro. A dança de forma alegórica representa a maneira como a vida é conduzida, apesar da consciência da finitude. “A dança liberta a mente das preocupações do momento. A dança é uma prece. Na dança celebro a vida enquanto aguardo a morte. Por que é que não danças?” (CHIZIANE, 2004, p. 16). É como se a autoconsciência abrisse espaço para a libertação da personagem, questionando por que é triste, por que está presa a esse amor ideal monogâmico. Questionada sobre a dança, ocorre uma alusão metonímica sobre a razão pela qual Rami não conhece a cultura e consequentemente os rituais de seus antepassados, ponto que leva à reflexão acerca do sistema de formação familiar. Ao se aconselhar com uma tia sobre poligamia, a protagonista descobre a finalidade das regras tradicionais poligâmicas de protegê-la e não de explorá-la como a poligamia oculta praticada por Tony. Essa distorção pode ser resultante do ‘encontro’ da cultura colonial com a cultura tradicional em Moçambique. De um lado, o colonizador impôs o regime monogâmico para o casamento e o sistema patriarcal como padrão familiar civilizado e aceito, de outro a tradição da poligamia. Além disso, a política pós-independência reforçou esse padrão, no qual a mulher tem papel

coadjuvante. A este respeito, Beauvoir (1970, p. 179) esclarece que:

A história nos mostrou que os homens sempre detiveram todos os poderes concretos, desde os primeiros tempos do patriarcado; julgaram útil manter a mulher em estado de dependência; seus códigos estabeleceram-se contra ela; e assim foi que ela se constituiu concretamente como Outro.

Analisando a problemática, Zolin (2019, p. 217) afirma que: “[...] não existe absolutamente uma essência feminina, responsável pela marginalidade da mulher; apenas o que ela chama de situação da mulher: o fato de a mulher dar à luz é tomado como a matriz das diferenças entre os sexos”. Ao estabelecer a impossibilidade de autoafirmação frente à natureza pela mulher, a filósofa explica que se configurou a superioridade masculina e “[...] a mulher é tomada como ‘outro’, contra quem os sujeitos masculinos se afirmam” (ZOLIN, 2019, p. 217). Dessa maneira, a mulher tem comprometida a sua própria expressão de humanidade. Beauvoir (1970, p. 181) acrescenta ainda que;

Aparecendo como o Outro, a mulher aparece ao mesmo tempo como uma plenitude de ser em oposição a essa existência cujo vazio o homem sente em si; o Outro, sendo posto como objeto aos olhos do sujeito, é posto como em si, logo como ser. Na mulher encarna-se o nada que o existente traz no coração, e é procurando alcançar-se através dela que o homem espera realizar-se.

Nesse contexto, resta à mulher fugir das armadilhas por meio da autocriação, enfatizando a diferença para materializar sua liberdade. Em *Niketche*, o outro é mediado pela alteridade. Rami é aconselhada a trilhar o caminho da renovação, por meio da aprendizagem com as experiências de um relacionamento poligâmico, além disso, no início da narrativa a heroína procura uma professora de rituais tradicionais, uma ‘professora do amor’. Nesse ponto, abre-se uma fenda para o desconhecido, como consequência, ocorre o questionamento da velha identidade. “Oh, espelho meu, o que achas de mim? Devo renovar-me? – Renova-te, sim. Mas antes, procura uma vassoura e varre o lixo que tens dentro do peito. Varre as loucuras que tens dentro da mente, varre, varre tudo. Liberta-te” (CHIZIANE, 2004, p. 33).

Para Bhabha (1992), o outro só existe porque o único passou pelo mimetismo¹⁰.

¹⁰ Conceito metafórico desenvolvido por Bhabha (1998) que explica como povos colonizados resistiram

Em *Niketche*, a proposta do outro é que o único busque conhecer a cultura de seus antepassados e se deixe modificar por ela. A esse processo o presente estudo chamou de reconfiguração identitária. O percurso é acompanhado pelo confronto da protagonista com o espelho. Todas as vezes que Rami está desesperada busca consolo junto ao espelho, porém nunca é consolada, pelo contrário, é sempre confrontada. Segundo Eco (1989, p. 17), quando racionalmente confirmamos estar diante da “[...] imagem especular, partimos sempre do princípio que o espelho diga a verdade. [...] Ele não traduz. Registra aquilo que o atinge da forma como o atinge. Ele diz a verdade de modo desumano [...]. Mas é exatamente essa declarada natureza olímpica, animal, desumana dos espelhos que nos permite confiar neles”. Simbolicamente, o espelho se refere ao potencial do inconsciente, ou seja, revelar aspectos que o indivíduo não consegue enxergar. Com efeito, o ato de reflexão adquire um duplo sentido: ou uma projeção literal de uma imagem ou como é caso da protagonista se concretiza numa reflexão relacionada ao ato de pensar, uma espécie de autoanálise.

ao poder imperialista e criaram formas de lutar contra o processo de dominação, nomeadamente o mimetismo e o hibridismo.

4 POLIGAMIA – PRÁTICA CULTURAL NATURALIZADA E A SUBMISSÃO DE GÊNERO NA SOCIEDADE MOÇAMBICANA PÓS-COLONIAL

O presente capítulo aborda a identidade cultural na literatura escrita por uma mulher moçambicana no contexto pós-colonial. Em *Niketche: uma história de poligamia*, Paulina Chiziane evidencia o tema da diferença cultural com referência à poligamia. A personagem principal da narrativa, Rami (Rosa Maria), teve acesso à educação e foi criada nos preceitos religiosos do colonizador europeu, inclusive, casou-se, conforme a norma monogâmica e os mandamentos cristãos. Porém, ao tomar conhecimento das traições de seu marido Tony (Antonio Tomaz), com outras quatro mulheres, Rami descobre que se encontra num relacionamento polígamo.

Poligamia¹¹ significa literalmente muitos casamentos, uma prática conjugal em que o homem tem mais de uma esposa, simultaneamente, em oposição à “monogamia”, em que cada pessoa tem somente um cônjuge. A monogamia na cultura ocidental é o padrão socialmente aceito, não causa incômodo. Por sua vez, a poligamia gera muita polêmica, além de ser considerada uma prática ilegal. O fato de nomear um grupo (poligâmico/monogâmico) é uma forma de afastamento da norma tida como padrão, como correta e aceitável, é o alimento para marginalização em que somente um modelo é o correto, excluindo os demais. Os casais heterossexuais, por exemplo, são vistos como a norma no mundo europeu, por esse motivo, eles não têm preocupação em relação à monogamia.

O termo poligamia para a cultura ocidental carrega um peso conotativo, a crença de algo ruim e reprovável. Sob o olhar eurocêntrico, representa a marginalidade e confirma seu lugar fora do poder, em oposição ao modelo de casamento monogâmico. No excerto a seguir, a narradora contextualiza como a poligamia vem sendo praticada do Sul ao Norte de Moçambique e sua relação com o poder sob a influência do cristianismo e do islamismo:

[...] Conheço um povo sem poligamia: o povo macua. Este povo deixou as suas raízes e apoligamou-se por influência da religião. Islamizou-se. Os homens deste povo aproveitaram a ocasião e converteram-se de imediato. Porque poligamia é poder, porque é

¹¹ A definição de poligamia segundo o Dicionário Michaelis: Forma de casamento em que uma pessoa tem vários cônjuges ao mesmo tempo: A poligamia faz parte de algumas culturas na África. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/palavra/RQxod/poligamia/> acesso em: 25 fev. 2022.

bom ser patriarca e dominar. Conheço um povo com tradição poligâmica: o meu, do sul do meu país. Inspirado no papa, nos padres e nos santos, disse não à poligamia. Cristianizou-se. Jurou deixar os costumes bárbaros de casar com muitas mulheres para tornar-se monógamo ou celibatário. Tinha o poder e renunciou (CHIZIANE, 2004, p. 92).

A poligamia é repudiada no Ocidente, inclusive, nas escrituras bíblicas das quais o colonizador português lançou mão ao estabelecer o Cristianismo como religião oficial em suas colônias. O ensinamento que tem se firmado é de que a poligamia é incompatível com o modo de vida cristão. Porém o sistema patriarcal se fundiu com a tradição poligâmica e essa junção é representada em *Niketché* pelo adultério

A prática mostrou que com uma só esposa não se faz um grande patriarca. Por isso os homens deste povo hoje reclamam o estatuto perdido e querem regressar às raízes. Praticam uma poligamia tipo ilegal, informal sem cumprir os devidos mandamentos. Um dia dizem não aos costumes, sim ao cristianismo e à lei. No momento seguinte, dizem não onde disseram sim, ou sim onde disseram não. Contradizem-se, mas é fácil de entender. A poligamia dá privilégios (CHIZIANE, 2004, p. 92).

Na escrita de Chiziane, são notórias as características que evidenciam os valores sociais conflitantes no tocante à poligamia. Essa abordagem possivelmente se deve ao fato de a autora conhecer de perto as questões políticas e culturais que influenciaram sua vida desde a infância. Além disso, a política do nacionalismo continuou a perpetuar os ideais ocidentais, porém, na prática, o que passou a ocorrer é a poligamia oculta e como consequência desses relacionamentos marginais, o nascimento de filhos bastardos, ou seja, a consequência de condenar a poligamia trouxe efeitos tão conflituosos quanto a liberalidade de sua prática. Em *Niketché*, há uma crítica implícita ao posicionamento político do tema:

No comício do partido aplaudimos o discurso político: abaixo a poligamia! Abaixo! Abaixo os ritos de iniciação! Abaixo! Abaixo a cultura retrógrada! Abaixo! Viva a revolução e a criação do mundo novo! Viva! Depois do comício, o líder que incitava o povo aos gritos de vivas e abaixos ia almoçar e descansar em casa de uma segunda esposa (CHIZIANE, 2004, p. 92-93).

Apesar de o debate sobre a poligamia não ser totalmente livre em Moçambique, uma vez que regularmente há alguém falando pelas mulheres, e muitas vezes são os

próprios maridos que respondem em nome das esposas, conforme já foi demonstrado em outras pesquisas¹², ainda assim, é notório que o assunto causa grande desconforto e não se chegou a um consenso sobre a temática. O casamento com mais de um cônjuge já foi debatido e considerado ilegal na República Federativa de Moçambique por ocasião da regulamentação de matérias legislativas como a Lei da Família, em 2004¹³ e sua posterior revogação em 2019, na qual em seu art. 19 proibiu a dualidade de casamentos.

Importante ressaltar que os defensores da legalização alegam a necessidade de preservar a tradição e a cultura moçambicanas. Por esse viés de pensamento, não caberia discutir sobre os impactos sociais causados pela poligamia, visto que “aquilo que é considerado como cultura e como valor a preservar é imposto (mesmo sem a aparência de imposição) pelos grupos dominantes na sociedade” (SITOE, 2009, p. 01).

Mais do que um romance sobre a poligamia, ao abordar a sexualidade feminina e os padrões familiares nacionais, a narrativa de Chiziane desvela práticas arraigadas que submetem as mulheres a comportamentos ditados por um discurso que não lhes representa, ao passo que no desenrolar dos fatos, a organização e a resistência que se estabelecem entre as mulheres envolvidas no relacionamento polígamo transformam-se na ferramenta de fuga que lhes permite escapar da subordinação.

Quando a personagem principal descobre que seu marido tem outras esposas, a princípio se revolta pela traição, mas depois ela busca a união e o entendimento com as outras mulheres. Juntas elas passam a reivindicar que se estabeleça a poligamia tradicional praticada, principalmente, no Norte¹⁴ de Moçambique. No

¹² SITOE, Yolanda. Opinião: POLIGAMIA: tudo em nome da “tradição” disponível em: <https://www.wlsa.org.mz/wp-content/uploads/2014/11/Poligamia-e-tradicao.pdf> - acesso em: 07/02/2022.

MIRANDA DA SILVA, Aline Beatriz. disponível em: <https://www.fafich.ufmg.br/cgradant/wp-content/uploads/2021/01/Monografia-Versao-Final-Aline-Beatriz-Miranda-da-Silva.pdf> - acesso em: fev. 2022.

¹³ ARTIGO 19 (Dualidade de casamentos) Não é permitido o casamento por quem se encontre ligado com outra pessoa por casamento civil, religioso ou tradicional, devidamente transcritos, bem como por quem esteja a viver com outra pessoa em união de facto devidamente atestada. disponível em: <https://reformar.co.mz/documentos-diversos/lei-22-2019-lei-da-familia.pdf> acesso em: fev. 2022.

¹⁴ While not widespread and although the country's ruling party disapproves of it, polygamy persists in Mozambique. Historically, polygamy has been more common among Muslims, who comprise about 10 percent of the population and are mainly in the country's northern regions (HAMILTON, p. 166, 2003) Embora não seja generalizada e embora o partido no poder do país a desaprove, a poligamia persiste em Moçambique. historicamente, a poligamia tem sido mais comum entre os muçulmanos, que compreendem cerca de 10 por cento da população e estão principalmente nas regiões do norte do país (nossa tradução).

excerto a seguir, a protagonista define a sua formação familiar:

O coração do meu Tony é uma constelação de cinco pontos. Um pentágono. Eu, Rami, sou a primeira dama, a rainha mãe. Depois vem a Julieta, a enganada, ocupando o posto de segunda dama. Segue-se a Luísa, a desejada, no lugar de terceira dama. A Saly a apetecida, é a quarta. Finalmente a Mauá Sualé, a amada, a caçulinha, recém-adquirida. O nosso lar é um polígono de seis pontos. É polígamo. Um hexágono amoroso (CHIZIANE, 2004, p. 58).

Na narrativa Rami, Luísa, Mauá, Saly e Julieta reivindicam que se estabeleça a poligamia tradicional, cujo fundamento basilar é a proteção das esposas e dos filhos, diferente do adultério ou do concubinato que seria a poligamia oculta, cuja previsão legal, inclusive, constitui crime na sociedade moçambicana. Ao ser questionada sobre a situação da prática do adultério ou a da poligamia oculta como distorção do que propõe a poligamia tradicional, Chiziane declarou que:

A poligamia mudou de vestido. Porque esses homens todos têm quatro, cinco, dez mulheres em qualquer canto por aí. Tem filhos com duas, três, quatro mulheres todas juntas. São filhos que, porque crescem numa sociedade de monogamia, não se podem reconhecer. São crianças fruto de uma situação como a que vivemos hoje, uma situação de adultério. Mas numa sociedade de poligamia já não acontece isso, as coisas são mais abertas. A situação de adultério que vivemos hoje é muito pior que a poligamia (CHABAL, 1994, p. 298).

Ao reivindicar que Tony trate todas as esposas conforme prevê a poligamia tradicional, Rami possibilita que todas as outras esposas se sintam respeitadas pelo estatuto do casamento com o ritual do lobolo¹⁵ típico do Sul de Moçambique. Nesse mesmo movimento, rompe com a posição de subalternidade e se permite a autoconsciência.

A estória transita pelo passado pré-colonial ao recorrer aos costumes ancestrais, às crenças e aos rituais, cujos nomes têm origem nas línguas indígenas africanas e por outro lado evidencia a cultura do colonizador, principalmente, nas condutas dos personagens nascidos e criados no Sul de Moçambique.

No texto, são abordadas, ainda, questões de etnia e cor de pele, como, por

¹⁵ e lobolo é – a grosso modo – a cerimônia de casamento entendida como “tradicional” no sul de Moçambique, na qual a família do noivo oferece bens para a família da noiva em troca do casamento. FERNANDES, Rhuann. Lobolo: celebração litúrgica e tradicional no sul do Moçambique. **Campos - Revista de Antropologia**, [S.l.], v. 19, n. 2, p. 124-134, dez. 2018. ISSN 2317-6830. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/campos/article/view/63709>>. Acesso em: 07 mar. 2022.

exemplo, no momento em que Mauá, uma das esposas, revela às demais que Tony tem outra amante, uma sexta mulher. Segundo a descrição de Mauá, uma mulata de pele clara chamada Eva: “Uma mulata é uma rival a sério. Os homens negros são obcecados pelas peles claras” (CHIZIANE, 2004, p. 133). Durante o diálogo, Rami se mostra incomodada com o comentário racista de Mauá e na sequência questiona “[...] – Para quê esse racismo, agora? [...] Mulata não é mulher? Poligamia é para mulher preta, não é para as mulatas, não [...]” (CHIZIANE, 2004, p. 133). A última afirmação de Rami possibilita a interpretação de que as mulheres pretas estariam mais sujeitas à poligamia.

Ao questionarem o marido sobre o motivo pelo qual, apesar de já possuir várias mulheres, ele estaria em um sexto relacionamento com Eva, ‘a mulata’, a explicação que as esposas ouvem é: “Vontade de variar, meninas. Desejo de tocar numa pele mais clara. Vocês são todas escuras, uma cambada de pretas” (CHIZIANE, 2004, p. 140). Nesse ponto, é evidente como a submissão de gênero é naturalizada, uma vez que não bastou ao marido, com sua prática multiconjugal, tornar um relacionamento monogâmico numa família poligâmica. Não satisfeito, continuou a estabelecer relações ocultas, extraconjugais e, ao ser questionado, culpa suas esposas por terem a mesma cor de pele.

Em outro ponto da narrativa, a submissão de gênero se manifesta, quando o marido polígamo é questionado acerca do seu comportamento e seus relacionamentos extra-conjugais: “Traição é crime, Tony! –Traição? Não me faça rir, ah, ah, ah, ah! A pureza é masculina, e o pecado é feminino. Só as mulheres podem trair, os homens são livres, Rami” (CHIZIANE, 2004, p. 29). Observar a previsão legal que proíbe a prática multiconjugal em Moçambique não é relevante para Tony. Para ele, a conduta do adultério não é algo reprovável, pelo contrário, para o personagem ter várias esposas e vários filhos representa virilidade.

É possível apontar vários fatores que contribuíram com a perpetuação da poligamia na sociedade moçambicana, como, por exemplo, a guerra de desestabilização¹⁶ entre RENAMO e FRELIMO, a epidemia do HIV/AIDS e também a migração de muitos trabalhadores moçambicanos que foram trabalhar nas minas da

¹⁶ “Da guerra de desestabilização a guerra civil”: historiador moçambicano Egídio Vaz fala sobre o conflito entre a FRELIMO e a RENAMO. “Uma viagem, muitos balanços” – 20 anos de paz em Moçambique. Deutsche Welle Africa, 2 de out. 2012. Disponível em: <https://p.dw.com/p/16EY9> Acesso em: fev. 2022.

África do Sul entre os anos 1940 e 1960 e nunca retornaram. Todos esses acontecimentos fizeram com que o número populacional de mulheres se tornasse maior que de homens, razão pela qual muitos defendem a manutenção da poligamia.

Além disso, algumas construções culturais, como, por exemplo, a prática do *levirato*, que consiste no ato de a viúva se casar com um irmão é outro fator que favorece ao homem ter mais de uma esposa. O *levirato* estaria embasado no bem estar da mulher que não é bem vista sozinha na sociedade moçambicana, ademais facilitaria a criação dos filhos e ainda manteria os laços familiares patrilineares.

A junção de todas essas causas leva muitas mulheres a aceitar a poligamia, principalmente, as viúvas, visto que quando o marido falece, é comum a expropriação de todos os bens da viúva por parte da família do cônjuge falecido, para ter êxito nesse intento muitas vezes acusam as viúvas de bruxaria, conforme aponta Dulobo (2010, p. 3):

Ajustar-se à viuvez é doloroso e traumático. Comporta situações difíceis e complexas como seja a educação dos filhos, a gestão diária de problemas diversos e a obtenção de dinheiro para fazer face a despesas do quotidiano. A vida das mulheres e dos seus dependentes sofre assim uma mudança brusca e definitiva. Com a morte do marido algumas viúvas acham que perdem o seu status na sociedade, onde uma mulher estar sozinha é considerado “anormal”.

Esse contexto real foi abordado ficcionalmente por Chiziane em *Niketche*, na passagem em que os parentes de Tony o declaram morto, já que acreditam ser ele um sujeito que morreu em decorrência de um acidente, quando na verdade ele está apenas viajando a Paris na companhia de outra mulher. A família de Tony se mostra ansiosa pela cerimônia fúnebre, de tal maneira que não escuta a viúva Rami e as demais esposas. Elas não são consultadas se realmente é o marido que está no caixão.

Espanta-me a rapidez com que chegaram à conclusão da morte e à urgência de me chamarem viúva. O Tony de que falam, procurei-o pela madrugada fora e não foi encontrado em lugar nenhum. Entram no meu quarto e desmontam os móveis para abrir espaço e cobrem toda a mobília com lençóis brancos. Arrastaram-me para um canto, raparam-me o cabelo à navalha e vestiram-me de preto. Acabava de perder poderes sobre o meu corpo e sobre a minha própria casa (CHIZIANE, 2004, p. 199).

Rami é declarada viúva enquanto assume uma postura de observação do desenrolar dos fatos independente de sua vontade. A personagem representa o drama de ser objetificada, já que seus sentimentos não têm relevância para os familiares do esposo que agem em nome da tradição, desejosos de cumprir logo com os rituais fúnebres que culminam na divisão dos bens do falecido.

No excerto anterior, temos a representação do silenciamento da mulher. Rami não é ouvida. Porém, a personagem tem a consciência do processo que está vivenciando e visualiza a possibilidade de demonstrar como as tradições podem ser injustas e equivocadas quanto ao tratamento com mulheres viúvas e seus filhos. Nesse sentido, Rami se conforma e colabora para que os fatos ocorram de acordo com os ditames da tradição, mas ela sabe que em algum momento seu marido retornará e sua vingança se consumará ao demonstrar o sofrimento que passam as mulheres viúvas:

Levei muito tempo a compreender a razão de tanta pressa na solução de um caso tão delicado. Tudo não passava de um ato de vingança e de ódio. Odiavam-nos. Odiavam a prosperidade do Tony Vingavam-se contra tudo o que quiseram ter e a vida lhes negou: títulos, mulheres, casas, carros, propriedades. Eu vou entrar neste jogo por vingança. Vamos lá ver o que dá. Sinto que me vou divertir e muito. Não vou tirar a esta gente o prazer de realizar um funeral condigno. Têm necessidade de chorar. Que chorem (CHIZIANE, 2004, p. 204).

Durante o desencadear dos fatos, Rami é submetida ao ritual de purificação chamado *kutchinga* no sul¹⁷ de Moçambique, segundo o qual, oito dias depois do falecimento do marido a viúva deve manter relação sexual com um irmão do esposo ou outro homem da família do defunto. Tal costume se fundamenta na crença de que “[...] a viúva tem que ser purificada para evitar que o estado criado pela morte venha provocar infortúnios na sua vida futura, como, por exemplo, doença dos filhos, esterilidade depois de contrair novo casamento e instabilidade no novo lar” (TEMBA, 2004, p. 256).

Apesar de o ritual *kutchinga* ocorrer independente do consentimento das viúvas, Rami vivencia diferentes sentimentos, ao saber que passará pelo rito de purificação sexual, “Agora falam do *kutchinga*, purificação sexual. Os olhos dos meus cunhados, candidatos ao sagrado acto, brilham como cristais. Cheira a erotismo no ar. A

¹⁷ No sul e no centro de Moçambique estão localizadas as Províncias de Maputo, Gaza, Inhambane, Tete, Sofala, Manica e Zambézia e na região norte as Províncias de Nampula, Cabo Delgado e Niassa.

expectativa cresce. Sobre quem cairá a bendita sorte? Quem irá herdar todas as esposas do Tony?” (CHIZIANE, 2004, p. 212). Por um lado, a personagem quer fugir do ato que lhe parece um sacrifício: “[...] Fico assustada. Revoltada. Minha pele se encharca de suor e medo. Meu coração bate de surpresa infinda. Kutchinga! Eu serei tchingada por qualquer um. E todos aguçam os dentes para me tchingar” (CHIZIANE, 2004, p. 212). Por outro lado, surge-lhe a curiosidade, seria possível uma mulher sentir prazer mesmo sendo submetida a tal ato independente de seu consentimento?

[...] existirá alguma mulher que, no acto de kutchinga, gemesse de prazer? Mas nem tudo é mau. No meio desta desgraça, há uma coisa boa. Com a falta de homens que dizem haver, é bom saber que a viuvez me reserva um outro alguém, mesmo que seja de vez em quando. É confortante saber que tenho onde encostar o meu ombro sem precisar de andar pelas ruas a vender os meus encantos diminuídos pelo tempo. Incesto? Incesto não. Apenas levirato. Incesto só há quando corre o mesmo sangue nas veias (CHIZIANE, 2004, p. 213).

Desse modo, *Niketché* apresenta um rearranjo da família e, principalmente, da sexualidade feminina. Rami sabe das consequências que sofrem as mulheres que se recusam ao ritual *kutchinga* “[...] Se eu recuso este acto me tiram tudo, até os filhos, e fico de mãos vazias. Nada deste mundo é meu e nem eu mesma me pertenço” (CHIZIANE, 2004, p. 225). A narrativa representa a situação de muitas mulheres, principalmente, pelo fato de serem duplamente subordinadas: primeiro como sujeito colonial que teve de forma obrigada a religião, leis, costumes e até a língua oficial, e, segundo como gênero.

A protagonista concebe a cerimônia fúnebre como um teatro, pois sabe que seu marido está vivo, “Serei viúva apenas por oito dias” (CHIZIANE, 2004, p. 221). Rami deixa os fatos se desencadarem e demonstra ansiedade para ter um momento de amor com seu cunhado “Olho para o Levy com olhos gulosos. Ele será o meu purificador sexual, a decisão já foi tomada e ele acatou-a com prazer” (CHIZIANE, 2004, p. 221). Essa postura de buscar o prazer num ato que não escolheu participar pode simbolizar o rompimento com a conduta da mulher ‘adequada’, cristã, fiel e que vive para satisfazer as vontades do marido, ocorre a quebra com o padrão ocidental de boa esposa. Nesse mesmo sentido, Rami rompe com a subordinação determinada pelos rituais tradicionais que não oferecem equidade de gênero.

A nossa tradição é de longe superior ao luto cristão. Para quê tantas lágrimas, tantas velas, tantas flores, jejum, abstinência, se o morto está morto e a vida continua? Chamem-me desavergonhada. Dêem-me todos os nomes feios que quiserem. Sou mulher e basta. Estou a cumprir à risca a tradição ditada pela família do meu marido (CHIZIANE, 2004, p. 221-222).

Em *Niketche*, é possível observar a representação simbólica das culturas portuguesa e moçambicana. Combinando elementos do sistema historicamente dominado (africano-polígamo) com elementos do sistema dominante (português-monogâmico). Ficam explícitas, na narrativa de Chiziane, questões sociais que denotam a violência sofrida pelas mulheres moçambicanas com o domínio colonial, principalmente, em relação à exploração sexual. Em determinado ponto, Rami revela uma dessas histórias:

Nós, mulheres, fazemos existir, mas não existimos. Fazemos viver, mas não vivemos. Fazemos nascer, mas não nascemos. Há dias conheci uma mulher do interior da Zambézia. Tem cinco filhos, já crescidos. O primeiro, um mulato esbelto, **é dos portugueses que a violaram durante a guerra colonial**. O segundo, um preto, elegante e forte como um guerreiro, **é fruto de outra violação dos guerrilheiros de libertação da mesma guerra colonial**. O terceiro, outro mulato, mimoso como um gato, **é dos comandos rodesianos brancos, que arrasaram esta terra** para aniquilar as bases dos guerrilheiros do Zimbábue. **O quarto é dos rebeldes que fizeram a guerra civil no interior do país** (CHIZIANE, 2004, p. 278. Grifos nossos).

A referida mulher deu à luz filhos que, por sua concepção estão relacionados com a história das guerras pelas quais passou seu país, sendo o primeiro filho de um colonizador, o segundo de um guerrilheiro da FRELIMO, o terceiro filho de um soldado rodesiano e o quarto filho de um rebelde ligado à Resistência Nacional Moçambicana (RENAMO). Na sequência, ela revela as circunstâncias de violações sexuais:

A primeira e a segunda vez foi violada, mas à terceira e à quarta entregou-se de livre vontade, porque se sentia especializada em violação sexual. O quinto é de um homem com quem se deitou por amor pela primeira vez. Essa mulher carregou a história de todas as guerras do país num só ventre. Mas ela canta e ri. Conta a sua história a qualquer um que passa, de lágrimas nos olhos e sorriso nos lábios e declara: Os meus quatro filhos sem pai nem apelido são filhos dos deuses do fogo, filhos da história, nascidos pelo poder dos braços armados com metralhadoras. A minha felicidade foi ter gerado só homens, diz ela, nenhum deles conhecerá a dor da violação sexual (CHIZIANE, 2004, p. 278-279).

A situação das mulheres duplamente subordinadas, como sujeito colonizado e como gênero, conforme já abordado anteriormente, fica evidente nesse ponto, demonstrando nessa oportunidade que acolher a monogamia determinada pelo colonizador pode representar uma espécie de resposta ou uma tentativa de resistência à exploração sexual. “Numa perspectiva de estética literária, Chiziane descreve os diversos aspectos da vida da mulher moçambicana e os limites que ela enfrenta para viver, sobreviver e ser aceita numa sociedade, marcadamente, machista” (BAHULE, 2018, p. 79).

A identidade e o sujeito são conceitos que assumem posições discursivas a partir do final do século XX. Para Hall (2003, p. 122), “O ‘pós-colonial’ apresenta tanto ao colonizador quanto ao colonizado ‘um problema de identidade’.” A identidade passa por uma crise e esse cenário estaria “fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais” (HALL, 2006, p. 09). Chiziane inaugura essa forma de representação do feminino a partir do olhar e autoria da mulher rompendo com as relações dominantes e estabelecidas. Ocorre nesse movimento a reescrita da identidade antes submissa e agora afrontosa quase infratora.

Nesse sentido, o sujeito-Rami, detentora de uma identidade unificada e estável mudou para o sujeito fragmentado que possui várias identidades. Para Hall (2006, p. 12), “O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático”. Esse é o percurso de reconstrução identitária da personagem Rami, que parte da identidade social sólida, de esposa, mãe e dona de casa, para a posição de mulher independente, que age de acordo com seus instintos, que rompe com o juízo de valor que os familiares tecem a seu respeito ainda que baseados nas crenças e tradições. “A identidade torna-se uma ‘celebração móvel’: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente, e não biologicamente” (HALL, 2006, p. 12-13). Ainda que o discurso autorizado tenha construído historicamente uma essencialidade feminina limitada, a literatura escrita por mulheres tem mostrado oposição à unificação, privilegiando a representação de diferentes imagens femininas.

4.1 Niketche: a dança que conduz a narrativa e expõe o contraste cultural entre norte e sul de Moçambique

O romance, objeto da presente análise, narra histórias de várias mulheres de diferentes regiões de Moçambique, esse movimento de narrar ocorre pelo resgate da dança tradicional chamada *Niketche*. Essa forma simbólica de estabelecer uma conexão entre a narrativa fictícia e o mundo extra-narrativo tem como provável objetivo pontuar as diferenças culturais existentes em Moçambique.

Assim como o relacionamento poligâmico em *Niketche*, é possível estabelecer um vínculo de espelhamento da sociedade moçambicana com seus diversos povos, crenças, línguas e religiões que justificam suas práticas culturais. Todos esses elementos permeiam as relações de gênero e como consequência afirmam a posição social da mulher. Há, no entanto, duas tradições preponderantes sobre as demais, talvez justificadas por sua antiguidade: a tradição banto patrilinear e a tradição banto matrilinear. Samb (2016, p. 177) esclarece sobre a distinção entre essas tradições:

O rio Zambeze era historicamente considerado a linha de separação entre essas duas tradições dos bantos. A diferença entre o sistema matrilinear do Norte e o patrilinear do Sul encontra-se baseada no valor, na posição da mulher e na função que ela desempenha dentro da família, mas também nas responsabilidades sociais que ela tem.

No sistema patrilinear, predominante no Sul de Moçambique, a ordem social está calcada no pertencimento da mulher ao marido e à família dele. Além disso, as esposas e os filhos são identificadas pelo nome do chefe da família, enquanto na sociedade matrilinear ao Norte, a mulher e seus filhos pertencem à linhagem da sua mãe, mesmo casada a mulher continua sendo propriedade do agregado familiar de origem dela, o que lhe confere uma posição vantajosa. No sistema matrilinear, as mulheres controlam a produção agrícola e desempenham o papel de chefe, influenciando diretamente no tratamento recebido dentro das famílias Samb (2016).

Em *Niketche*, é notória a valorização dos ritos praticados na região Norte, entre os quais a dança é muito utilizada. Ao resgatar o ato de dançar, Chiziane possibilita ao leitor examinar a cultura que envolve os rituais de iniciação até a prática da poligamia. Ademais, sua escrita promove a reflexão acerca do funcionamento desses

costumes, a possibilidade de discutir se são benéficos e promovem a equidade de gênero ou pelo contrário, são ritos que depreciam e conduzem as mulheres para a subalternidade, por isso entraram em desuso na contemporaneidade, acompanhando a evolução social pregada pelos colonizadores em direção ao mundo ‘civilizado’.

Segundo a definição trazida na própria narrativa, Niketche é uma dança originária na etnia macua e se refere à *performance* executada pelas moças durante os rituais de iniciação que fazem parte, principalmente, da cultura dos povos da região Norte de Moçambique. Nos ritos de iniciação, as meninas são apresentadas à sociedade como aptas a desempenhar o papel de mulheres adultas. A apresentação da dança ao leitor ocorre por meio de palavras poéticas:

Niketche. A dança do sol e da lua, dança do vento e da chuva, dança da criação. Uma dança que mexe, que aquece. Que imobiliza o corpo e faz a alma voar. As raparigas aparecem de tangas e missangas. Movem o corpo com arte saudando o despertar de todas as primaveras. Ao primeiro toque do tambor, cada um sorri, celebrando o mistério da vida ao sabor do niketche (CHIZIANE, 2004, p. 160).

Os fatos narrados em *Niketche: uma história de poligamia* ocorrem na contemporaneidade e se passam no Sul de Moçambique, mais precisamente em Maputo, a capital, porém as mulheres com quem o personagem Tony se relaciona são de várias regiões do país, fator que no decorrer dos fatos evidencia as diferenças culturais existentes, principalmente, entre as regiões Sul e Norte de Moçambique.

Essa escolha por parte de Chiziane pode ter sido proposital, no sentido de explorar a grande diversidade étnico-cultural do país. A protagonista faz várias considerações sobre as características físicas e culturais no momento em que conhece outra esposa.

Evidenciando a identidade nacional da variedade, a autora traz à tona as diferenças regionais de gênero em Moçambique, transformando a narrativa da dança Niketche, originária da região Norte do país, como instrumento performativo e relacionando-a com o aspecto pedagógico. Além disso, entrelaça de forma leve a linguagem da resistência ao ato corporal. No excerto a seguir, fica evidente o contraste cultural entre as diferentes regiões:

Lobolo no sul, ritos de iniciação no norte. Instituições fortes, incorruptíveis. Resistiram ao colonialismo. Ao cristianismo e ao islamismo. Resistiram à tirania revolucionária. Resistirão sempre.

Porque são a essência do povo, a alma do povo. Através delas há um povo que se afirma perante o mundo e mostra que quer viver do seu jeito (CHIZIANE, 2004, p. 47).

Mais do que abordar acerca das práticas tradicionais, a narrativa as expõe como forma de resistência, os personagens são representativos, são extratos sociais. Rami e Tony, os personagens principais, são apresentados como de origem sulista, “O meu Tony é do sul, é machangana e dos duros. Conheceu o norte apenas em missões militares e nunca viveu lá muito tempo” (CHIZIANE, 2004, p. 57).

Já a personagem Luísa é identificada da seguinte forma: “Eu venho de longe, minha senhora, sou da Zambézia [...] Venho de uma terra onde os homens novos emigram e não voltam mais. Na minha aldeia natal só há velhos e crianças” (CHIZIANE, 2004, p. 55). No norte do país, cujas raízes culturais se fundam na “realidade matrilinear africana, o Islão e o colonialismo português se cruzaram numa complexa zona de contato” (MENESES, 2008. p. 76). Divergindo nesse ponto em relação ao Sul do país, as mulheres do Norte exercem uma postura mais explícita no exercício do poder.

Ao conhecer as outras esposas, Rami se familiariza com outros hábitos culturais. Saly, esposa identificada como, de origem no Norte, afirma que as mulheres do Sul são imaturas e inexperientes no tocante à vida sexual, pelo fato de não conhecer os ritos de iniciação: “Vocês, do sul, ainda não são mulheres, são crianças. Seres reprodutores apenas. [...] A vossa vida a dois não tem encantos. Por isso, mal declararam a independência gritaram: abaixo os ritos de iniciação. Que julgavam que faziam?” (CHIZIANE, 2004, p. 179). O questionamento revela uma crítica à política nacionalista praticada pela FRELIMO e a continuidade ao sistema patriarcal implantado pelo colonizador. Além disso, ao expor o autêntico posicionamento das mulheres do Norte, no sentido de valorizar suas origens, a narrativa revela que essas “mulheres são exemplo de grupos marginais que resistem a ser representados por elites intelectuais e políticas presentes no país” (MENESES, 2008. p. 76).

As trocas culturais entre as personagens permitem à Rami, uma mulher nascida e criada no Sul de Moçambique, aprender sobre a dança *Niketché* praticada pelas mulheres do Norte. Por outro lado, a protagonista, a partir de sua posição social, com acesso à educação, casada com um homem que ocupa um cargo importante, utiliza seu *status* para ajudar as outras esposas a superar a pobreza e a conquistar a independência financeira. As diferenças e as desigualdades evidenciadas são

aspectos que denotam uma sociedade pós-colonial fragmentada.

Apesar de as diferenças serem exploradas na narrativa, há um percurso de desconstrução da mulher colonizada que desconhece a tradição de seu país, nesse mesmo sentido os movimentos “pós-colonialismo, tal como o feminismo, são, na sua pluralidade, um instrumento importante de luta contra as concepções dominantes que continuam a controlar as relações Norte-Sul” (MENESES, 2008, p. 74).

Em *Niketche*, o sentimento de irmandade feminina rompe com as imposições do sistema político patriarcal, prevalecendo sobre as diferenças. Parece que intencionalmente Chiziane reinvidica o lugar de fala das mulheres pela via da escrita, uma vez que escrever importa libertação de práticas ultrapassadas e crenças limitantes. Importa também materializar a voz feminina, ganhando espaço na pós-colonialidade, além de denunciar questões que afetam de forma negativa a vida das mulheres. Conforme sugere Meneses (2008, p. 76), “os feminismos pós-coloniais deverão permitir a presença de vozes diferentes e contrastantes, em vez de continuar a reproduzir as relações coloniais onde o próprio conhecimento é produzido”.

Entre as diferenças exploradas na narrativa a equidade de gênero ganha seu espaço em uma fala da personagem Mauá, que compara o papel social destinado às mulheres nas diferentes regiões na sociedade moçambicana. “A nossa sociedade do norte é mais humana [...]. No sul as mulheres são tristes, são mais escravas [...]. No norte, ninguém escraviza ninguém, porque tanto homens como mulheres são filhos do mesmo Deus” (CHIZIANE, 2004, p. 175). É notória a impossibilidade de descrever como homogênea a cultura de Moçambique, diante dos vários universos culturais, “[...] alguns dos quais profundamente dominados por valores patriarcais, enquanto noutros contextos, como é o caso do norte de Moçambique, persistem ainda algumas tradições de matrilineagem e participação da mulher na esfera pública” (MENESES, 2008, p. 77).

Ao longo da narrativa, a personagem Luísa declara que na região de onde ela vem (Centro-norte), há a primazia da irmandade. As relações familiares são priorizadas e o ato de compartilhar o parceiro conjugal não constitui uma transgressão:

Eu venho de longe, minha senhora, sou da Zambézia [...] Não sou possessiva. Venho de uma terra onde a solidariedade não tem fronteiras. Venho de um lugar onde se empresta o marido à melhor amiga para fazer um filho, com a mesma facilidade com que se empresta uma colher de pau” (CHIZIANE, 2004, p. 55-82).

Luísa critica a posição das pessoas da região Sul de Moçambique, onde há o predomínio e a valorização das relações monogâmicas, “[...] Vocês, mulheres do sul, perdem tempo com essas histórias e preconceitos. Renunciam à existência, pode-se saber porquê? Fidelidade a quê” (CHIZIANE, 2004, p. 82). Nesse ponto da narrativa, fica explícita a diversidade na forma de enxergar a poligamia e sua relação com a herança colonial que afetou mais diretamente a região Sul.

A narrativa de Chiziane demistifica o pudor exacerbado que foi imposto pelo colonizador sobre o corpo feminino, fator que calou os rituais de iniciação próprios da cultura originária. Na contemporaneidade, são mantidos principalmente na região Norte, de forma que, o processo de autoconhecimento da personagem ‘Rami’ estabelece uma relação extra-narrativa, produzindo o efeito de descolonização da subjetividade feminina. Em dado momento, a personagem Luísa questiona a religião do colonizador e a política nacionalista que continuou a afirmar os costumes eurocêntricos como sendo os ideais para uma sociedade civilizada:

[...] A igreja e os sistemas gritaram heresias contra estas práticas, para destruir um saber que nem eles tinham. [...] Aprendi todas aquelas coisas das damas europeias [...] Nunca ninguém me disse a origem da poligamia. [...] Porque é que a Igreja proibiu estas práticas tão vitais para a harmonia de um lar? Porque é que os políticos da geração da liberdade levantaram o punho e disseram abaixo os ritos de iniciação? (CHIZIANE, 2004, p. 44-45).

Ao retratar a vida de mulheres que reinventam tradições culturais enquanto lutam pela inclusão de suas vozes na construção da nação, a autora expõe inconsistências das decisões políticas que têm determinado o lugar social da mulher e até mesmo seu direito de escolha. “[...] a intervenção colonial, ao fixar num sistema único normativo as dinâmicas locais, promoveu a legitimidade dos chefes locais, agora como autoridades tradicionais, ofuscando a forte presença feminina nos espaços de negociação do poder” (MENESES, 2008 p. 78 apud LIAZZATE BONATE, 2006, 2007).

Apesar disso, a narrativa não aborda somente as agruras da vida feminina num contexto político e social para o qual os anseios femininos não têm relevância, ao expor seus desejos íntimos, e expor suas fragilidades. A protagonista Rami percorre uma jornada para o autoconhecimento e para redescobrir o desejo sexual. Nesse percurso, a personagem busca uma professora de rituais tradicionais praticados na

fase de iniciação à vida adulta. Ao retomar os ensinamentos tradicionais praticados, principalmente, na Região Norte, a personagem possibilita ao leitor examinar os diferentes aspectos dessas tradições, seus pontos positivos para as mulheres e de forma concomitante expor algumas inconsistências do período pós-independência, como, por exemplo, o apagamento cultural local.

Ao resgatar a dança desconhecida pela personagem Rami, Chiziane valoriza essa tradição dos povos originários, da qual a sociedade moçambicana pós-colonial, especialmente, da Região Sul abriu mão devido à educação implantada pelo colonizador que teve prosseguimento após a independência. Segundo Meneses (2008, p. 78), “A utilização do espaço da cultura e a manipulação da importância da tradição como um espaço de poder estão visíveis nos papéis desempenhados por mulheres [...] em vários locais do continente, incluindo Moçambique”. A escolha da dança se mostra simbólica, pois reivindica o poder da ancestralidade, apesar de estar em desuso na contemporaneidade, fica evidente sua importância para a cultura moçambicana.

A conexão estabelecida entre a narrativa ficcional e as histórias reais vivenciadas pela autora remetem às tradições culturais dos povos africanos que muito valorizam os rituais e danças tradicionais. Segundo Meneses (2008, p. 83), “O retorno da tradição é, em simultâneo, uma herança do passado colonial e uma reação à condição pós-colonial, ou seja, às raízes coloniais do estado”. A escolha da dança Niketche pode ter sido propositalmente destacada como forma de valorização da cultura originária e de reconfiguração identitária, para uma personagem que teve seu comportamento, inclusive, sexual afetado pelo atravessamento da cultura colonial.

4.2 A representação literária do emudecimento da mulher moçambicana

A história de Rami é representativa da vida das mulheres oprimidas e marginalizadas pela cor, pelo gênero e ainda como sujeito colonizado, Paulina Chiziane, na “[...] perspectiva de estética literária, descreve os diversos aspectos da vida da mulher moçambicana e os limites que ela enfrenta para viver, sobreviver e ser aceita numa sociedade, marcadamente, machista” (BAHULE, 2018, p. 79). Estudos indicam que, a política nacionalista praticada pela FRELIMO, em Moçambique, excluiu a discussão sobre a hierarquia de gênero e a necessidade de participação feminina

nas esferas do poder. Assim também no Ocidente a subordinação de gênero não tem sido prioridade para a política e a ciência, caindo no esquecimento, conforme aponta Mitchell (2003, p. 203):

O problema da subordinação das mulheres e a necessidade de sua libertação foi reconhecido por todos os grandes pensadores socialistas do século dezenove. Faz parte da herança clássica do movimento revolucionário. Contudo, hoje, no Ocidente, o problema tornou-se elemento subsidiário, se não invisível, nas preocupações dos socialistas. Talvez nenhum outro grande tema tenha sido tão esquecido.

O processo de silenciamento das mulheres moçambicanas tem estreita relação com a equidade de gênero, num gesto combativo, o romance *Niketche* é focado na resistência e na importância emocional da irmandade feminina. Em várias oportunidades, a personagem Rami expõe o fato de sua voz não ser ouvida, enquanto a culpabilidade sim, recai sobre os grupos marginais, principalmente, sobre as mulheres, conforme explícito do diálogo a seguir: “– Diz, Tony! – A culpa é toda tua. [...] Respiro um ar amargo. A corda rebenta sempre do lado mais fraco. É o ciclo da subordinação. O branco diz ao preto: a culpa é tua. O rico diz ao pobre: a culpa é tua. O homem diz à mulher: a culpa é tua” (CHIZIANE, 2004, p. 272). A agenda feminina não tem relevância para os detentores do poder, justificando o emudecimento do qual a mulher vem sendo alvo. Rosário (2010, p. 144) afirma que: “[...] quem dá ou tem voz, nos cenários públicos e privados, sociais e familiares é quem está na posição de comando”, como são raras as mulheres ocupando lugares de poder, a consequência é o silenciamento.

Em determinado momento da narrativa, na ocasião do pseudo-falecimento de Tony, mais uma vez é irrefutável o processo de emudecimento feminino, quando Rami explica para Eva que mesmo possuindo provas de que Tony está viajando e não é o defunto que está a ser velado, de nada adianta avisar a família do marido, visto que ninguém lhe dá ouvidos: “Sugeri aos meus cunhados uma investigação e uma identificação mais técnica, mais séria. Invocaram a tradição e a religião e mandaram-me calar a boca. Querem fazer tudo à sua maneira” (CHIZIANE, 2004, p. 216). É possível observar na fala de Rami que tanto na sociedade pré-colonial com a qual se estabelece a conexão com a tradição como na colonial e pós-colonial as quais há forte influência da religião, a mulher teve seu espaço de atuação restrito ao lar e ao trabalho

não remunerado enquanto ao homem foi destinado o espaço público.

O padrão de família ocidental representativo de uma sociedade civilizada em que o homem é o ser forte, que impõe respeito social, e que gerencia os rendimentos familiares, relegou à mulher um papel secundário, como o dever de cuidar das tarefas domésticas. Nesse processo, a religião foi uma aliada da qual o colonizador lançou mão com efeito pedagógico nas sociedades colonizadas, conforme podemos observar na afirmação da personagem Rami: “No regime cristão, as mulheres são educadas para respeitar um só rei, um deus, um amor, uma família, [...]” (CHIZIANE, 2004, p. 93).

Nesse sentido e a partir desse modelo, mantém-se o imaginário de que a mulher bem-sucedida é casada, que cuida dos filhos e vive à espera do marido que retornará para casa ao fim do expediente de trabalho. Assim também é o imaginário da personagem Rami, como fica evidente em sua fala no excerto a seguir: “Sou uma boa mulher. Fui sempre uma boa moça. As boas moças são as mais caçadas, casadas, guardadas em casa como um tesouro. Vivem num cofre sem luz nem ar, entre o amor e a submissão” (CHIZIANE, 2004, p. 218).

Nessa estrutura social em que as mulheres ficam à margem, somente o homem é que tem poder econômico e toma decisões sobre o espaço público enquanto o lugar destinado à mulher é o espaço privado da casa que promove o cerceamento de direitos e caracteriza-as como sujeito subalterno. Perrot (1998, p. 10) pontua sobre a divisão público *versus* privado:

Para os homens, o público e o político, seu santuário. Para as mulheres, o privado e seu coração, a casa. Afinal, esse poder sobre os costumes não é o essencial? Os homens são, na verdade, os senhores do privado e, em especial da família, instância fundamental, cristal da sociedade civil, que eles governam, e representam, dispostos a delegar às mulheres a gestão do cotidiano.

Essa separação é justificada muitas vezes em questões biológicas, como a força física ou o instinto de proteção dos filhos. Esse discurso alimenta as diferenças de gênero e elege como mais importante, mais complexo e de maior prestígio o espaço público. Segundo Bourdieu (2012), a divisão social do trabalho é um meio de confirmar a dominação masculina:

A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que

tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça: é a divisão social do trabalho, distribuição bastante estrita das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos, de seu local, seu momento, seus instrumentos; é a estrutura do espaço, opondo o lugar de assembléia ou de mercado, reservados aos homens, e a casa, reservada às mulheres [...] (BOURDIEU, 2012, p. 18).

As diferenças biológicas são invocadas para justificar as diferenças de gênero, além disso, essa postura é reforçada pela religião, pela política e pelos costumes. Em *Niketche*, a insatisfação demonstrada por Rami frente à traição do marido e ao reconhecimento de que ele explora outras mulheres, distorcendo os valores da poligamia tradicional, é ainda mais inaceitável para a protagonista, uma vez que sempre cumpriu seu papel de esposa subserviente, explorada: “Como é que o Tony me despreza assim, se não tenho nada de errado em mim? As suas vontades sempre fiz. Dele sempre cuidei. Até suas loucuras suportei. [...] modéstia à parte, sou a mulher mais perfeita do mundo” (CHIZIANE, 2004, p. 14). Ou seja, não é compreensível estar dentro de um relacionamento que corresponde ao estereótipo eurocêntrico de família e não poder reclamar seus direitos de esposa, não questionar a infidelidade. Com efeito, Simone de Beauvoir (1970, p. 161) assevera que:

O destino que a sociedade propõe tradicionalmente à mulher é o casamento. Em sua maioria, ainda hoje, as mulheres são casadas, ou o foram, ou se preparam para sê-lo, ou sofrem por não o ser. É em relação ao casamento que se define a celibatária, sinta-se ela frustrada, revoltada ou mesmo indiferente ante essa instituição.

Outro ponto abordado por Chiziane é a dependência econômica. Em certo momento, a personagem Rami constata que seu marido é provedor financeiro de outras mulheres e esse pode ser o motivo pelo qual elas aceitam se relacionar com um homem já casado: “O que querem as mulheres, à volta de um só homem? [...] Para todas estas mulheres o Tony é emprego, fonte de rendimento” (CHIZIANE, 2004, p. 91). O fator financeiro claramente contribui para a situação de submissão e emudecimento da mulher. Na narrativa, Rami se nega a concordar com a situação de poligamia em que o casamento significa estabilidade econômica ao declarar: “Acho que devo dizer sim à poligamia só para preservar este pedaço de chão onde repousam os meus pés? Não, não vou fazer isso, tenho os braços presos para aplaudir, e a garganta seca para gritar” (CHIZIANE, 2004, p. 91).

Entre as práticas sociais, de cunho financeiro, que contribuem para a condição

de submissão da mulher, na sociedade moçambicana, é possível apontar a tradição do *lobolo*, comum no Sul de Moçambique, que consiste no pagamento de determinado valor à família da mulher pela perda da mão de obra que ela representa, seria esse costume um dos fatores que corroboram com a construção da ideia de pertencimento. No imaginário de muitos homens, ao pagar pela esposa, o marido se torna seu dono. Essa noção de propriedade precede a sensação de que é possível dispor da mulher como se fosse objeto e suas vontades não importassem.

Ao demonstrar inconformismo com o relacionamento poligâmico, Rami quebra o silêncio e passa a exigir seu direito de existir, questionando sobre o seu lugar de mulher no mundo. Desse modo, ela argumenta: “Preciso de um espaço para repousar o meu ser. Preciso de um pedaço de terra. Mas onde está minha terra? Na terra do meu marido? Não, não sou de lá. Ele diz-me que não sou de lá, e se os espíritos da sua família não me quiserem lá, podem expulsar-me de lá” (CHIZIANE, 2004, p. 90). A personagem reclama seu lugar de pertencimento diante das regras tradicionais, uma vez que essas imposições limitam as mulheres no exercício de sua cidadania e dignidade enquanto indivíduo. Conforme se evidencia no excerto a seguir, a protagonista narradora ao discorrer sobre seu lugar no mundo:

O meu cordão umbilical foi enterrado na terra onde nasci, mas a tradição também diz que não sou de lá. Na terra do meu marido sou estrangeira. Na terra dos meus pais sou passageira. Não sou de lugar nenhum. Não tenho registo, no mapa da vida não tenho nome. Uso este nome de casada que me pode ser retirado a qualquer momento. Por empréstimo. Usei o nome paterno, que me foi retirado. Era empréstimo. A minha alma é a minha morada. Mas onde vive a minha alma? Uma mulher sozinha é um grão de poeira no espaço, que o vento varre para cá e para lá, na purificação do mundo. Uma sombra sem sol, nem solo, nem nome. Não, não sou nada. Não existo em parte nenhuma (CHIZIANE, 2004, p. 90).

Para as mulheres, são destinadas as funções de filhas, esposas, mães, posições geralmente associadas à figura masculina. Ao se distanciar da figura paterna pelo casamento e do marido pelo divórcio ou pela viuvez não tem voz, enquadrando-se como sujeito subalterno emudecido. A narrativa apresenta a hierarquização social de gênero em Moçambique, expondo o silenciamento e a marginalização das mulheres, situação, geralmente, justificada nas tradições e costumes, além disso, expõe a submissão às regras patriarcais que naturalizam a subserviência feminina. Nesse ponto, a narrativa pós-colonial, produzida na modernidade tardia, caracteriza-

se por estabelecer a divisão de períodos e a relação binária colonizado e colonizador, ao sedimentar o pós-colonial como um tempo de diferenças, instiga novos questionamentos. “Que tipo de diferença é essa e quais as suas implicações para a política e para a formação dos sujeitos [...]” (HALL, 2003, p.101). Portanto, ao representar a mulher em seus dilemas sociais, mesmo de forma fictícia, a autora ressignifica e reescreve a colonização e as narrativas canônicas perturbando os binarismos culturais, como as demarcações de gênero.

Ademais a produção literária de Chiziane contribui para a descentralização do discurso hegemônico patriarcal, além de, desestabilizar os binarismos históricos presentes nas relações sociais. No tocante ao gênero, também apresenta uma representação identitária diversa relacionada às figuras dominador *versus* dominada e santa *versus* pecadora, ou seja, a essência feminina não é fixa e estável, como nos discursos autorizados. Esse processo é identificado como aquele em que o “[...] sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um eu coerente [...] a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia” (HALL, 2006, p. 13). Desse modo, é necessário ressaltar que a narrativa *Niketche* traz uma variedade de imagens femininas, representando a diversidade e rompendo com as ideologias hegemônicas como aquelas adotadas em sociedades patriarcais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise de *Niketche*: uma história de poligamia se mostra um grande desafio, especialmente, para pesquisadores inseridos em estruturas social e cultural como as ocidentais. É necessário abandonar conceitos e pontos de vista pré-existentes e se abrir para o desconcerto que nos causa essa narrativa tão íntima, ainda que fictícia, do modo de vida, das escolhas e da falta delas por mulheres moçambicanas, essa indisponibilidade de acesso aos direitos equitativos tem estreita ligação com o restrito espaço destinado às mulheres na literatura de autoria masculina, pois, a maioria, destinou a elas papéis secundários, de meras coadjuvantes, principalmente em sociedades patriarcais.

Quando o presente trabalho de pesquisa teve início o objetivo geral se direcionou em analisar os sentidos manifestos na narrativa *Niketche*, para identificar o impacto da literatura na construção social da identidade feminina. Com o findar do estudo, constata-se que o referido propósito foi alcançado, pois efetivamente a análise demonstrou que as obras literárias de autoria feminina têm trazido uma nova representação simbólica, em relação ao papel social das mulheres, posto que as narrativas descrevem personagens como protagonistas de suas vidas, materializando o processo representativo.

Em relação ao primeiro objetivo específico, cuja meta foi pesquisar sobre o lugar social da mulher em Moçambique e sua resistência à poligamia, o intento foi atendido em parte, visto que, a partir da narrativa, ficou evidente a demonstração de contrastes entre as práticas culturais das Regiões Norte e Sul de Moçambique, porém, sem efetivamente tomar uma posição favorável ou contrária a essa ou àquela cultura, mas sim, expondo as situações enfrentadas pelas mulheres dentro dos regimes monogâmico e poligâmico atravessados pelo patriarcalismo.

Outro objetivo específico, devidamente alcançado com a pesquisa, foi refletir acerca do papel social da linguagem e da literatura como poder hegemônico. Nesse sentido, foram postas algumas considerações teóricas sobre a autoria feminina enquanto produção transgressora do discurso autorizado e legitimado pelo poder.

Por último, o trabalho conseguiu identificar a representatividade e a construção identitária da protagonista Rami na obra literária diante das várias oportunidades em que a narradora-personagem destaca as diferentes identidade nos diversos momentos

e situações vivenciadas.

Diante do desconcerto trazido pela história de um marido, praticante da poligamia oculta, *Niketche* rompe com a invisibilidade e com o silenciamento em relação às mulheres. Além disso, a narrativa vai além, ao expor questões veladas na sociedade de Moçambique, permitindo ao leitor se familiarizar com formas alternativas de família e de amor.

Ao dar a conhecer sobre a subjetividade, a pluralidade e o afeto nas relações conjugais, sobrepondo-se aos sistemas como a monogamia e a poligamia, Chiziane expõe as situações complexas enfrentadas pelas mulheres de seu país na contemporaneidade, divididas entre a modernidade e a persistência dos costumes tradicionais. Uma alternativa apontada na narrativa para esse dilema é a independência pela educação e pelo trabalho. São caminhos para a transformação da situação de submissão e de exploração para a autonomia financeira e para a vida social pautada no princípio da igualdade.

Com uma narrativa transgressiva que explora contradições e ambiguidades, surge a discussão sobre a construção simbólica de identidades culturais que refletem interesses de poder ou ideologias distintas. Em meio aos conflitos identitários produzidos de um lado pelo colonialismo e de outro pelas afirmações culturais originárias dos povos africanos, as mulheres moçambicanas buscam se autoafirmar pela representação literária, no sentido de reconfigurar e reconsiderar a percepção acerca da poligamia, a partir do ponto de vista da autoria feminina.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

BAHULE, Cremildo. **Não basta ser mulher para ser justa**: resistência à marginalização de paulina chiziane fora do registo ficcional. Cadernos CERU, série 2, vol. 29, n. 1, p. 76-99, julho de 2018.

BARROSO, Marta. **Egídio Vaz em De guerra de desestabilização a guerra civil: historiador moçambicano fala sobre o conflito entre a FRELIMO e a RENAMO**: uma viagem, muitos balanços – 20 anos de paz em moçambique. Deutsche Welle Africa, 2 out. 2012. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-002/de-guerra-de-desestabiliza%C3%A7%C3%A3o-a-guerra-civil-historiador-mo%C3%A7ambicano-fala-sobre-o-conflitoentre-a-frelimo-e-a-renamo/a-16262237>. Acesso em: 13 maio de 2022.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo** – Fatos e mitos. Tradução de Sérgio Milliet. 4ª edição. São Paulo: Difel, 1970.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo** – A experiência vivida. Tradução de Sérgio Milliet. 2ª edição. São Paulo: Difel, 1970.

BHABHA, Homi K. A questão do “outro”: diferença, discriminação e o discurso do colonialismo (tradução Francisco Caetano Lopes Júnior) In: **Pós-modernismo e política**. Org. Heloisa Buarque de Hollanda. - Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

BONNICI, T. **O pós-colonialismo e a literatura**. Maringá: Eduem, 2000.

BONNICI, Thomas. **Teoria e crítica literária feminista**: conceitos e tendências. Maringá: Eduem, 2007.

BONNICI, Thomas. Teoria e crítica pós-colonialistas. In: **Teoria literária**: abordagens históricas e tendências contemporâneas, 4ª Edição, 250-280 Maringá: Eduem, 2019.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução Maria Helena. Kühner. – 2ª ed. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. 160p.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção**: crítica social do julgamento. Porto Alegre: Zouk, 2007.

CABAÇO, José Luis. **Moçambique**: identidade, colonialismo e libertação, São Paulo, Editora UNESP, 2009, 359 p.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: **Vários escritos**. 3ª ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995, p. 235-263.

CHABAL, Patrick. **Vozes moçambicanas: literatura e nacionalidade**. Lisboa: Vega, 1994.

CHABAL, Patrick. **A literatura pós-colonial da África lusófona**. Northwestern University Press; 1996.

CHIZIANE, Paulina. **Niketché: uma história da poligamia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

CHIZIANE, Paulina. **Eu, mulher... por uma nova visão do mundo**. Belo Horizonte: Nandyala, 2013.

CULLER, Jonathan. **Teoria literária: uma introdução**. Trad. Sandra Vasconcelos. São Paulo: Beca, 1999.

ECO, Umberto. Sobre os espelhos. In: **Sobre os espelhos e outros ensaios**. Trad. Beatriz Borges. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989. p. 11-37.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. Campos de guerra com mulher ao fundo no romance Ventos do apocalipse entos do apocalipse. In: **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 7, n. 13, p. 302-313, 2º sem. 2003.

GOMES, Júlio do Carmo. **Contadora de histórias**. Jornal de Letras, Artes e Ideias, Lisboa, p. 24-25, 2001.

GUEDES, Peona Viana. **Can the subaltern speak? Vozes femininas contemporâneas da África Ocidental**. Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/7461/1/arquivo7401_1.pdf. Acesso em: 22 set 2020.

HALL, Stuart. Cultural Studies and its Theoretical Legacies. In: MORLEY, David; CHEN, Kuan-Hsing (Ed.). **Stuart Hall: critical dialogues in cultural studies**. London: Routledge, p.262-275. 1996.

HALL, Stuart. **Pensando a diáspora: Reflexões Sobre a Terra no Exterior**. In: Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais. Liv Sovik (org); Trad. Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro - 11. ed. -Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Organização e Revisão Técnica: Arthur Ituassu. Trad. Daniel Miranda e William. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

HAMILTON, Russell G. **A feminist dance of love, eroticism, and life: Paulina Chiziane's Novelistic Recreation of Tradition and Language in Postcolonial Mozambique**. in Reevaluating Mozambique. Em Dartmouth, MA: Tagus Press, Centro de Estudos e Cultura Portuguesa, Universidade de Massachusetts Dartmouth. 2003.

JAMESON, Frederic. **O inconsciente político**: a narrativa como ato socialmente simbólico. São Paulo: Ática, 1992.

LEITE, Ana Mafalda. **Paulina Chiziane**: romance de costumes, histórias morais in Literaturas africanas e formulações pós-coloniais. Lisboa: Edições Colibri, 2013.

LOBO, Luiza. **A dimensão histórica do feminismo atual**. RAMALHO, Christina (org.) Literatura e feminismo: propostas teóricas e reflexões críticas. Rio de Janeiro: Editora Elo, 1999. p. 41-50.

MACHEL, Josina. **A mulher moçambicana na revolução**. Traduzido do original inglês "The Mozambican Woman in the Revolution", do Movimento de Apoio à Libertação (Liberation Support Movement - LSM), publicado pela Editora LSM, em Vancouver, Canadá, em 1974. Tradução: Andrey Santiago Luana Ferretti Karen Anisia. Ed. TraduAgindo, 2021.

MATA, Inocência. Estudos pós-coloniais: desconstruindo genealogias eurocêntricas. In: **Civitas**, Porto Alegre, v. 14, n. 1, p. 27-42, jan.-abr. 2014.

MENESES, Maria Paula. **Mulheres insubmissas?** mudanças e conflitos no norte de moçambique ex æquo, n.º 17, 2008, p. 71-87.

MITCHELL, Juliet. **Mulheres: a revolução mais longa**. Revista de Gênero. Niterói, v.6, n.2 -- v.7, n.1, p. 203-232, 1-2 sem, 2006.

NASCIMENTO, Cássia Maria Bezerra do. (org.) **Metodologia da pesquisa em estudos literários**. Manaus: FUA, 2018.

NOA, Francisco. Literatura moçambicana: os trilhos e as margens. In Ribeiro, M. C. & Meneses, M. P. (Orgs.). **Moçambique**: das palavras escritas. p. 35-45. Porto: Edições Afrontamento.

PERROT, Michelle. **Mulheres públicas**. Tradução de Roberto Leal Ferreira. São Paulo: UNESP, 1998.

PINHEIRO, Everton Vasconcelos. Proposta de abordagem metodológica em análises literárias pela teoria pós-colonial. In: **Metodologia da pesquisa em estudos literários**. org. por Cássia Maria Bezerra do Nascimento et al. – Manaus: FUA, 2018.

PINTO, Zemaria. **O texto nu – teoria da literatura**: gênese, conceitos, aplicação. Manaus: Valer, 2009.

ROCHA, Aurélio. Associativismo e nativismo: os fundamentos do discurso ideológico. In: Fátima Ribeiro; António Sopa. **140 Anos de Imprensa em Moçambique**. Maputo, AMOLP, p. 29-47, 1996.

ROSÁRIO, Lourenço do. **MOÇAMBIQUE**: história, culturas, sociedade e literatura. Nandyala, 2010.

ROSSET, Clément. **O real e seu duplo**: ensaio sobre a ilusão. Trad. José Thomaz Brum. 2 ed. revista. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

ROSSINI, Tayza Cristina Nogueira. **A construção do feminino na literatura**: representando a diferença. *Brasiliana – Journal for Brazilian Studies*. Vol. 3, n.1, 288-312. 2014.

SAMB, Fatime. A mulher moçambicana e as práticas culturais. In: **Encontros com Moçambique**. Carolina Maíra Gomes Morais, Matheus Serva Pereira, Regiane Augusto de Mattos (organizadores). – Rio de Janeiro : Ed. PUC-Rio, 2016.

SECCO, Carmen Lucia Tindó. **Travessia e rotas das literaturas africanas de língua portuguesa (das profecias libertárias às distopias contemporâneas)**. *Léguas & meia: Revista de literatura e diversidade cultural*. Feira de Santana: UEFS, nº1, 2002, p. 91-113

SITOE, Yolanda. **Opinião: POLIGAMIA**: tudo em nome da “tradição” disponível em: <https://www.wlsa.org.mz/wp-content/uploads/2014/11/Poligamia-e-tradicao.pdf> - acesso em:07/02/2022.

SOARES, Cláudia Regina. CARBONIERI, Divanize. **Nervous conditions**: a literatura africana escrita por mulheres e o tema da educação formal. *UFMA/Campus III*, v. 1, n. 3, p. 133-156, outubro/dezembro de 2016.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** 1. ed. Trad. Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

TEMBA, Eulália. **O significado da viuvez para a mulher**. *Outras Vozes*, nº 9, novembro de 2004.

WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença**: uma introdução teórica e conceitual. In *Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva. Stuart Hall, Kathryn Woodward.- Petrópolis, RJ: Vozes, 12ª edição, 2000.

WOOLF, Virgínia. **Um teto todo seu**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

VARELA, Rosana. **Seres fantásticos e dimensões movediças**: configurações do duplo em “A Dança do Jaguar”, de Tereza Albues. Dissertação (Mestrado em Letras/Literatura). Faculdade de Educação e Linguagem, Câmpus de Sinop, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2018.

ZOLIN, Lúcia Osana. A literatura de autoria feminina no contexto da pós-modernidade. In: **Ipotesi**, Juiz de Fora, v. 13, n. 2, p. 105-116, jul./dez. 2009. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistaipotesi/files/2009/10/a-literatura-de-autoria-feminina.pdf> Acesso: 05.05.2022.

ZOLIN, Lúcia Osana. Literatura de autoria feminina. In: **Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**, 4ª Edição, 327-336 Maringá: Eduem, 2019.

ZOLIN, Lúcia Osana. Crítica feminista. In: **Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**, 4ª Edição, 211-237. Maringá: Eduem, 2019.

Dissertações consultadas

ALBUQUERQUE, Soraya do Lago. **O patchwork literário de Paulina Chiziane e Toni Morrison : um estudo comparativo entre Niketche: uma história de poligamia e Beloved**. Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem. Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá, 2014.

ARAÚJO, Erika Tonelli de. **Um olhar sobre a cultura e sociedade em Moçambique: a ficção e a realidade em Niketche: uma história de poligamia**. 2009. 124 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, 2009.

CARVALHO, Carina De Lima. **"Mulher Bonita, Onde Vais?": Narrativa Poética E Construção Do Feminino Em Niketche: Uma História De Poligamia**, De Paulina Chiziane. Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). 2018.

CESÁRIO, Irineia Lina. **Niketche: a dança da recriação do amor poligâmico**. 2008. 108 f. Dissertação (Mestrado em Literatura) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

CIRÍACO, Maria Inês Francisca. **Moçambique multicultural e multilinguístico um estudo de Niketche: uma história de poligamia**. 2015. 121 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2015.

DANTAS, Igara Melo. **A dança das confissões: introdução à oralidade, performance e inscrição em Niketche, de Paulina Chiziane**. 2017. 121f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2017.

FRANCISCO, Renata Maria Teresa dos Santos. **Representação de mulheres moçambicanas na obra de Paulina Chiziane Niketche: uma história de poligamia**. 2019. 104 f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Estudos Pós-Graduados em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019.

PEREIRA, Ianá Souza. **Vozes Femininas de Moçambique**. Dissertação (mestrado) Letras (Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa). Universidade de São Paulo. 2012.

ROBERT, Badou Koffi. **A consciência da subalternidade: trajetória da personagem Rami em Niketche de Paulina Chiziane**. Letras (Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa). USP. 2010.

SANTOS, Ika Souza dos. **Narrativas de empoderamento: um olhar à ficção de Paulina Chiziane**. Universidade Federal de Pernambuco. Programa de Pós-Graduação em Letras. Recife-PE, 2018.

SANTOS, Waltecy Alves dos Santos. **A voz feminina na literatura de ascendência africana: hibridismo de mitos e ritos nos romances Niketche de Paulina Chiziane e A cor púrpura de Alice Walker**. 2009. 186 f. Dissertação (Mestrado em Literatura) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

SHIMBO, Renata Vaz. **O corpo-texto no corpo-feminino em Niketche: uma performance literária**. 2015. 92 f. Dissertação (Mestrado em Literatura) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015.

VILLANOVA, Suelen dos Santos. **O silenciamento e a vocalização das mulheres em Niketche e O sétimo juramento, de Paulina Chiziane**. Instituição: Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras. Porto Alegre, 2021.